



ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

Relatório
da Prática de Ensino Supervisionada
em Ensino de Artes Visuais
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

As TIC na Educação das Artes Visuais

Ana Rita Prazeres Ferreira de Melo

Orientador: Professor Doutor Leonardo Charréu

Évora 2012

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
para a obtenção do grau de *Mestre*
em Ensino de Artes Visuais
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário
realizada na Escola EB 2,3/S Cunha Rivara em Arraiolos e na
Escola Secundária Rainha Santa Isabel de Estremoz.**

Ana Rita Prazeres Ferreira de Melo

**Orientador da Universidade:
Professor Doutor Leonardo Charréu**

**Professores Cooperantes das Escolas:
Luís Silva
Domingos Isabelinho**

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Leonardo Charréu, pela orientação do presente relatório.

Ao Professor Luís Silva, pela disponibilidade e apoio que sempre demonstrou.

Ao Professor Domingos Isabelinho pela colaboração.

A todos os professores e colegas do mestrado com quem tive o privilégio de partilhar conhecimentos e opiniões.

Ao Ricardo Crista, o meu amor, colega e par de estágio que me incentivou e apoiou incondicionalmente nos bons e menos bons momentos por que passámos ao longo deste trabalho.

À minha família que, apesar da distância, esteve sempre presente.

Um agradecimento especial ao meu filho, o meu maior amor, pelas horas que deixei de partilhar com ele nos primeiros anos de vida.

Índice

Introdução.....	8
Capítulo 1.....	10
1. AS TIC NA EDUCAÇÃO DAS ARTES VISUAIS.....	10
1.1. Introdução.....	10
1.2. As TIC no processo de ensino aprendizagem.....	11
1.3. O papel do Professor face ao ensino mediado pelo computador.....	14
1.7. Perspectiva colaborativista no ensino das Artes Visuais.....	18
1.8. A Internet na educação.....	20
1.9. As TIC no sistema de ensino em Portugal.....	22
1.10. O computador no Ensino Artístico.....	23
1.11. Considerações finais.....	29
Capítulo II.....	30
2. RELATÓRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	30
2.1. Introdução.....	30
2.1.1. Caracterização da Escola.....	31
2.1.2. Caracterização do meio sócio-económico.....	31
2.1.3. Alunos e docentes.....	32
2.1.4. Serviços e Espaços.....	32
2.1.5. Horário de funcionamento.....	33
2.1.6. Caracterização da disciplina de Educação Visual.....	33
2.1.7. Caracterização da sala de Educação Visual.....	35
2.1.8. Caracterização da turma 7º D.....	36
2.1.9. Acção didáctica.....	39
2.1.10. O projecto desenvolvido com a turma.....	39
2.1.11. Descrição sumária das aulas.....	41
2.1.12. Reflexão crítica das aulas.....	53
2.1.13. Avaliação em Educação Visual.....	54
2.2 SEGUNDA FASE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	57
2.2.1 Introdução.....	57
2.2.2 Caracterização da Escola.....	57
2.2.3 Dados Históricos.....	57
2.2.4 Alunos e docentes.....	58
2.2.5 Serviços e Espaços.....	59
2.2.6. Caracterização da disciplina de Desenho.....	59
2.2.7 Caracterização da sala de Desenho.....	61
2.2.8 Caracterização da turma Desenho12º F.....	61
2.2.9. Acção didáctica.....	62
2.2.10 Descrição sumária das aulas.....	65
2.2.11. Reflexão Crítica das aulas.....	79
2.2.12. Avaliação em Desenho.....	81
2.3. Considerações Finais.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86

ANEXOS.....	90
Anexo 1; 5; 7; 9; 10; 14; 16 E 18 ver CD-ROM).....	90
Anexo 2.....	91
Anexo 3.....	92
Anexo 4.....	94
Anexo 6.....	95
Anexo 8.....	97
Anexo 11.....	98
Anexo 12.....	99
Anexo 13.....	100
Anexo 15.....	101
Anexo 17.....	102
Anexo 19.....	103
APENDICES	104
Apendice VI; VII e VIII ver em CD-ROM	104
Apendice I.....	105
Apendice II.....	106
Apendice III.....	117
Apendice IV	118
Apendice V	119
Apendice IX	120
Apendice X	122

INDICE DE FIGURAS

Figura I (fig. Logótipo da Escola Secundária Cunha Rivara)	31
Figura II (www.projecto7d.weebly.com)	43
Figura III (Gavetas e Recursos do site)	44
Figura IV (Exemplar de exercício realizado e publicado por alunos)	45
Figura V (Gaveta de Actividades)	46
Figura VI (Insecto escolhido)	47
Figura VII (Fragmentos de “Insecto” realizado pelos alunos).....	49
Figura VIII (Trabalho final)	50
Figura IX (Exercícios Banda Desenhada)	51
Figura X (Snapshot do filme)	52
Figura XI (Banda Desenhada)	52
Figura XII (Logótipo da Escola Rainha Santa Isabel)	57
Figura XIII (Capa de Livro de Oferta formativa)	68
Figura XIV (Painés para Feira de Escolas).....	69
Figura XV (Projecto 3D de espaço de feira)	69
Figura XVI (Vistas 3D de projecto feira de escolas).....	70
Figura XVII (Feira de escolas)	71
Figura XVIII (Projecto Painel Publicitário(.....	72
Figura XIX (resultado final)	72

INDICE DE QUADROS

Quadro 1 (Avaliação Sumativa)	56
Quadro 2 (Avaliação Formativa).....	56
Quadro 3 – Atitudes e Valores.....	81
Quadro 4 – Competências e Saberes.....	82
Quadro 5 – Instrumentos de Avaliação.....	82

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
para a obtenção do grau de
Mestre em Ensino de Artes Visuais
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário**

Resumo

Elaborado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, o presente relatório pretende dar a conhecer os aspectos inerentes à prática desenvolvida no ano lectivo de 2011 / 2012 nas Escolas EB 2,3/S Cunha Rivara e Secundária Rainha Santa Isabel.

O relatório integra um tema aprofundado: “As TIC na Educação das Artes Visuais” e compreende cinco partes: Preparação científica, Pedagógica e Didáctica; Planificação, Condução de Aulas e Avaliação de Aprendizagens; Análise da Prática de Ensino; Participação na Escola e Desenvolvimento Profissional.

Possui ainda dez apêndices finais com informação citada e evidências significativas das actividades desenvolvidas na escola.

**Report of the Supervised Teaching Practice
to achieve the Master´s Degree in
Teaching of the Visual Arts
at the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education**

Abstract

This *Report* was prepared to achieve de Master Degree on *Teaching of the Visual Arts in the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education*, and it is focused in the teaching practice developed in EB 2,3/S Cunha Rivara and Secondary Rainha Santa Isabel Schools, during the academic year 2011/2012. The report includes a deepened theme “Information and Communication Technologies for the Visual Arts in Education” and five chapters: Scientific, Educational and Teaching Preparation; Planning, Conducted Lessons and Learning Evaluation; Teaching Analysis; Participation in School Activities and Professional Development.

It also includes ten final appendices with quoted information and significant evidence of the schooling activities.

Introdução

No âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, e tendo em conta as investigações realizadas no primeiro ano do curso, foi proposto aos mestrandos, pelo Prof. Doutor Leonardo Charréu, o desenvolvimento de uma pequena investigação que daria continuidade (ou não) às investigações realizadas anteriormente em algumas disciplinas do plano curricular.

O propósito desta dissertação constituiu em desenvolver a investigação “As TIC na Educação das Artes Visuais”, cujos conteúdos pudessem posteriormente ser aplicados na leccionação das aulas de estágio. Abrange também a análise e descrição de toda a parte de prática pedagógica. Tendo em conta os objectivos pretendidos, quer na investigação, quer no relatório, pretende-se que permita uma reflexão como se deve processar o ensino-aprendizagem. O tema desenvolvido na investigação foi motivado pela necessidade de compreensão de como deve ser o processo de ensino-aprendizagem na escola de uma área em plena expansibilidade: as TIC.

Desta forma, o presente relatório divide-se em duas partes: a primeira corresponde à investigação “As TIC na Educação das Artes Visuais”; a segunda diz respeito à prática pedagógica na Escola Básica e Secundária Cunha Rivara e Escola Rainha Santa Isabel, ambas com orientação de um professor cooperante.

Na primeira parte, o objecto de estudo são as Tecnologias Informação e Comunicação, numa perspectiva de inclusão, como estratégia de ensino-aprendizagem, em contexto educativo das Artes Visuais. Para fundamentar esta investigação, foram essenciais os conceitos e ideias abordados por alguns autores, designadamente: Pierre Levy, Abraham Moles, Edgar Morin, Manuel Castells, José Viveiro Ferreira, entre outros.

A segunda parte é composta pelo relatório de estágio referente à prática ocorrida nas duas escolas. A primeira fase do estágio foi desenvolvida na Escola Básica e Secundária Cunha Rivara, em Arraiolos, na turma D do 7º ano, sob

orientação do coordenador pedagógico Luís Silva. Este estágio decorreu no primeiro período, na disciplina de Educação Visual. A segunda fase do estágio ocorreu na Escola Básica e Secundária Rainha Santa Isabel, em Estremoz, na turma F do 12º ano, sob orientação do coordenador pedagógico Domingos Isabelinho. Este estágio foi realizado no segundo e terceiro período, na disciplina de Desenho A.

Na parte final da dissertação são apresentadas as considerações finais, incluem uma reflexão global e crítica de todo o trabalho desenvolvido neste projecto.

Capítulo 1

1. AS TIC NA EDUCAÇÃO DAS ARTES VISUAIS

1.1. Introdução

O processo de ensino e aprendizagem tem sido debatido exaustivamente durante séculos, no entanto, com mais veemência nas últimas décadas. As alterações sócio culturais, o advento das novas tecnologias e a globalização geram no ser humano a necessidade de reaprender a viver e compreender as mutações da actualidade.

Vários especialistas da área reflectiram sobre a analogia intrínseca entre sujeito, meio e contexto cultural, entre eles deparamo-nos com as ajudas de Piaget (1983), Vigotisky (1995), Bruner (1991) e ultimamente Morin (1999) e Levy (1999). A modificação da postura e mentalidade do homem a partir da “*auto-eco-organização*” (Morin, 1986), sugere à educação mais um desafio na formação docente, dando mais ênfase ao seu comprometimento como mediador no seu procedimento de ensino e aprendizagem.

As observações presentes neste relatório pretendem reflectir sobre algumas questões que se deparam no cenário escolar. Como refere Levi (2001) quanto ao procedimento ensino/aprendizagem, na elaboração do conhecimento colectivo e aprendizagem colaborativa, a fracção do conhecimento faz despontar, da adaptação das novas tecnologias, o crescimento de um projecto virado para o progresso do *sujeito colectivo*.

Apesar de não ver as novas tecnologias com uma revolução no processo de ensino e aprendizagem, deve-se recebê-las como uma virtuosa ferramenta que possibilita aperfeiçoamentos à prática educacional.

Para Barabé (2002), os docentes devem controlar os possíveis conflitos gerados nas interacções entre os intervenientes, para que a acção mútua entre as diversas dimensões de tensão, como as tecnologias educativas, e aprendizagens de conteúdos, promova aprendizagens significativas, que levem ao comprometimento dos alunos e à sua satisfação.

Neste sentido, considerando os princípios metodológicos orientadores das Artes Visuais (ME, 2001), ao aluno deve ser proporcionado a possibilidade de experimentar meios expressivos ligados aos diversos meios tecnológicos e tornar-se capaz de os utilizar de forma criativa e funcional. As tecnologias educativas podem potenciar, na iniciação à linguagem digital, a experimentação do desenho assistido por computador e o tratamento de imagem quando executam graficamente. Com a orientação do professor, o aluno executa análises formais e críticas, desenvolve projectos tendo como referência imagens, filmes ou produtos gráficos realizados através das diversas tecnologias (ME, 2001).

É nesta perspectiva que o envolvimento das TIC, como estratégia de ensino-aprendizagem em contexto educativo de Artes Visuais, habita o ponto primordial deste trabalho. A arte permite desenvolver o pensamento criativo e crítico ao lado da sensibilidade. Transmite e explora novos valores, compreende as diferenças culturais e assume-se como expressão de cada cultura. A importância das Artes no sistema educativo visa o desenvolvimento das várias dimensões do sujeito, através da fruição-contemplação, produção-criação e reflexão-interpretação (ME, 2001) Nesta perspectiva, a utilização das TIC em colaboração com o ensino artístico abre novos horizontes.

1.2. As TIC no processo de ensino aprendizagem

“ No interior de grandes períodos históricos, o modo de percepção das sociedades humanas transformam-se ao mesmo tempo que se transforma o seu modo de existência”

Walter Benjamin

A transição histórica da contemporaneidade é marcada, em grande parte, pelo desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Castells (2001) demonstra que as novas tecnologias obrigam a rever, em grande parte, a

educação durante a era Industrial. Nesse sentido, deveríamos ter um entendimento claro sobre a necessidade de uma *nova pedagogia* baseada na interactividade, na personalização e no desenvolvimento da autonomia para aprender e para pensar. As novas tecnologias são, hoje, uma referência importante para a pedagogia contemporânea, contudo, não se pode considerar uma solução mágica como afirma Machado (1992), ao referir que de modo algum se pode apresentar as Tecnologias de Informação e Comunicação como a porta mágica que vem resolver todos os problemas de professores e alunos. Nelson Pretto (2005) é cauteloso ao recear a multiplicação dos computadores nas escolas, por si só, contribuisse para a modernização das escolas, transformando, assim, a velha escola numa velha escola um pouco mais cara.

António Nova (2007), sobre as TIC na Educação em Portugal, reconhece os processos de inovação e de mudança na educação como uma enorme complexidade, alertando para os vermos com lucidez e humildade. Na sua perspectiva, as tecnologias em educação devem inserir-se na busca de novas concepções e práticas pedagógicas, que reforcem o papel do professor e a sua capacidade para dar resposta a situações imprevisíveis do dia-a-dia escolar, e acrescenta:

“ Não haverá mundos novos, mais ou menos admiráveis, sem um esforço colectivo de pesquisa e reflexão, sem um aprofundamento da profissionalidade docente nas suas diversas dimensões, sem o desenvolvimento de um pensamento pedagógico crítico e informado”.

Segundo Oliveira Netto (2005, p.36) *“as novas tecnologias na educação podem ser usadas para dinamizar as aulas tornando-as mais vivas e interessantes, vinculadas com as realidades actuais e principalmente com a aprendizagem”*, no entanto, para tal se concretizar, surge uma necessidade de actualizar os professores no seu conhecimento face às TIC. Torna-se crucial os professores terem autonomia e entendimento para poderem seleccionar os recursos mais adequados e perceberem como os poderão integrar na sala de aula através de novas pedagogias.

Para Silva (1997), é necessário ocorrerem mudanças, caso contrário, a escola pode-se afastar perigosamente da sociedade e assumir um papel marginal. Para evitar, são necessários maiores níveis de qualificação e de conhecimento, principalmente, no domínio das TIC. Muito poucos professores têm conhecimento acerca da vasta gama de recursos de TIC, que já está disponível na educação. Se assim é, podemos concluir que os alunos não estão a usufruir de todo o potencial que as TIC podem proporcionar na aprendizagem.

Diferentes situações podem ocorrer, como por exemplo, o que se refere ao facto do docente entender e perceber as TIC mas não as saber usar em contexto escolar, utilizando softwares desapropriados aos conteúdos. Nestas situações os professores deveriam interagir nas suas diferentes áreas, adquirindo informações e desenvolver as suas capacidades quanto à elaboração de recursos pedagógicos mais dinâmicos a serem utilizados no ensino e aprendizagem.

Segundo Rosa (2000), a aprendizagem com recursos às tecnologias de informação e comunicação, deverá reflectir sobre uma prática educativa global, delineada, inserida numa estratégia educativa centrada no aluno, tornando-os activos e criativos, renovando as formas de acesso ao conhecimento e oferecendo novas formas de aprendizagem.

Podemos concluir que existe uma necessidade de abandonar o modelo tradicional, do professor como um transmissor de conhecimentos, tornando-o antes num facilitador na aprendizagem, com um papel fundamental no desenvolvimento do cidadão crítico e activo.

Neste sentido, Flores (2007), defende que o papel fundamental do docente é organizar, acompanhando a construção de significados que os aprendizados praticam num ambiente complexo moldando ajudas e apoios em função de como os alunos realizam tal construção.

Torna-se, assim, evidente que a escola deverá adaptar-se à entrada das novas tecnologias, de forma a “ *procurar novos modelos de prática pedagógica com recurso às TIC que promovem contextos e competências diversificadas de modo*

a acompanhar a tendência global da actualidade, de reagir com maior flexibilidade, rapidez e competência a fim de formar gerações capazes de responderem aos desafios de uma sociedade exigente e em constante mudança” (Flores e Flores, 2007,p.492).

1.3. O papel do Professor face ao ensino mediado pelo computador

Relativamente à postura dos professores perante as novas tecnologias, Ponte (1997) refere que alguns as vêm com alguma desconfiança, tentando adiar essa junção, outros, embora dominem as tecnologias, têm dificuldade em perceber como as usar na sala de aula e uma minoria, entusiasta, procura desbravar caminho, explorando constantemente novas possibilidades, mas deparam-se com muitas inseguranças.

Grande parte dos professores reconhece que a escola está desactualizada em relação às transformações sociais e que os alunos estão cada vez mais a desinteressar-se pelas actividades escolares tradicionais. O problema é que o ensino continua demasiado marcado pela utilização de metodologias de pura transmissão, numa lógica *behaviorista* de uma sociedade industrial, que cada vez menos é a nossa realidade contemporânea.

Assim, seja qual for o nível de ensino, o professor é desafiado a tornar o processo de ensino aprendizagem mais apelativo e interessante.

Legros, Pembroke e Talbi (2002) citados por Ferreiro (2005, p. 64) destacam três modelos de ensino e concepção de ambientes: os modelos centrados no professor, os modelos centrados no aluno, e por último, os modelos centrados na interacção.

Segundo Ferreiro (2005, p.64) *“as posturas encontradas variam, indo da defesa dos modelos centrados no professor até à apologia dos modelos centrados no aluno, passando pelos modelos centrados na interacção.”*

Para Ferreiro (2005) todos os modelos apresentam vantagens e desvantagens. Sendo assim, ao se adoptar um modelo, é necessário estar consciente dos

aspectos negativos e obstáculos que possam surgir não valorizando somente os positivos.

Nos modelos de ensino directo, centrado no professor, este apresenta os objectivos e conteúdos estabelecendo relação com as ideias e conhecimentos já obtidos, orientando os alunos neste processo de aprendizagem ao mesmo tempo que os avalia. Estes modelos dão autonomia ao professor para decidir o que vai ser ensinado, o que deve ser testado e a forma como a turma é gerida. Geralmente, o professor dá mais instruções e recebe menos participação dos alunos. O aluno vai assimilando os novos conhecimentos aos seus iniciais.

Os praticantes que optam por este tipo de ensino valorizam a compreensão em temas curtos para que a aprendizagem se torne mais acessível para o aluno. Este factor parece-me importante, dado que os alunos vão assimilando unidades de conhecimento a outras já adquiridas. Assim, a adequação Behaviorista face à tecnologia utilizada na educação, separa a matéria em temas mais pequenos, no qual, o computador informa os objectivos a alcançar, fornece os exercícios e avalia as respostas certas e erradas aos alunos (Gilliani, 2003).

Neste sentido, considero importante, esta adaptação, pois permite flexibilidade na aprendizagem auxiliando o aluno a avaliar o seu trabalho e tornando-o consciente do seu desenvolvimento. Ferreira (2005) aponta como desvantagem, o estilo da apresentação dos conteúdos que se traduzem de forma dividida, decomposta, isolada e excessivamente simples. Assim, o sistema destes tutoriais correm o risco de se tornarem descontextualizados e o aluno não perceber o seu significado.

Landau (2001) citada por Silva (2004, p.84) e por Ferreira (2005, p.66) afirma que *“muitos dos cursos on-line gerem contributos dos modelos centrados no professor através de conhecimentos (exposições, textos e videogramas) e técnicas dos modelos centrados no aluno, ou seja, a discussão, escrita, desenho, pesquisa, planeamento e colaboração”*.

Esta autora refere ainda que os cursos que têm como base este modelo podem ter sucesso num ambiente presencial, no entanto são um fracasso quando transportados para um ambiente virtual.

O objectivo dos modelos centrados no professor, mais tradicionais, limita-se à transmissão de conhecimentos servindo-se de recursos expositivos. Assim, este método pode correr o risco de os alunos não serem activos no processo de ensino e aprendizagem, absorvendo de forma passiva os conhecimentos.

Ferreiro (2005), relativamente ao ensino à distância, faz uma comparação entre este modelo e as tecnologias de difusão de massas. Exemplificando a televisão como um meio de comunicação colocando o sujeito num papel passivo.

No modelo, não directivo e centrado no aluno, o professor é um auxiliar do aluno, um facilitador. O aluno é visto como independente no seu processo de aprendizagem e detentor de um conhecimento e/ou de habilidades *a priori* que determinam a sua aprendizagem. Os alunos são incitados a participarem activamente na sala de aula, envolvendo-se em actividades de forma a facilitar a construção do conhecimento que é desejado. Os estudantes trabalham, quer individualmente ou em grupo, descobrindo problemas e tornando-os construtores activos do conhecimento. Esta ideia, assente no construtivismo, coloca os alunos não somente como meros receptores da informação, eles passam a responder aos estímulos externos interagindo sobre eles para construir o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada. Ferreiro (2005 p.66) citando Harmon & Hiruni (1996) afirma que o professor, em vez de ser proprietário do conhecimento, passa a ter um papel de orientador dos discentes para que estes tenham acesso, interpretem, organizem e transfiram conhecimentos para resolver problemas.

Os alunos não recebem apenas informação, aprendem a aprender através da investigação, descobrindo e resolvendo problemas, integrando assim uma abordagem de ensino construtivista que a educação tradicional não consegue. As novas tecnologias como o computador, a Internet, o *e-mail*, as ferramentas multimédia, os fóruns de discussão, entre outros, podem ter um impacto

profundo na aprendizagem dos alunos, assumindo neste modelo um papel essencial ao permitir que os estudantes se tornem pesquisadores actuates e organizadores do seu próprio saber.

Gillani (2003) vai no mesmo sentido ao afirmar que o uso da Internet, para reformular e renovar o ensino que possibilite ir ao encontro a novos estímulos, torna essencial fundamentar o modelo centrado no aluno.

Brent (1996), tendo conhecimento de estudos sobre este modelo, refere que quando correctamente implementados oferecem maior motivação para aprender, permitindo igualmente uma maior retenção do conhecimento e atitudes mais positivas ao tema em estudo. No entanto, a autora, alerta alguns impedimentos que podem surgir para alunos e professores. Aponta a ausência cooperação dos alunos com mais sabedoria, para com os mais morosos, ou no caso dos estudantes habituados a um apoio excessivo, sentirem-se abandonados e sem preparação para adoptarem maior autonomia e responsabilidade na sua aprendizagem. Os professores terão de estar bem preparados, pois podem ocorrer dificuldades que os levem a retomarem o modelo que sempre empregaram.

Na aula que se fundamenta no modelo centrado na interacção ou relacional, o professor problematiza e o aluno reage, estabelecendo-se em sala de aula um ambiente de discussão e construção de um novo conhecimento em que a interacção de aluno/professor torna-se a base do processo de aprendizagem. A epistemologia subjacente é denominada construtivista por relacionar a aprendizagem à construção de conhecimento, tarefa compartilhada entre professor e aluno. O docente deve destabilizar cognitivamente o aluno através das novas informações. A aprendizagem passa por um processo endógeno complexo, citado nas análises de Piaget, em passar de um patamar de conhecimento para outro, superior, através de assimilações e subsequentes acomodações, num processo que finda temporariamente a cada acomodação, mas que frente a novos desafios se repete permitindo que o sujeito cognitivo atinja patamares cada vez mais elevados de conhecimento.

Os alunos são mais do que parceiros de aprendizagem cooperativa, fazendo parte do contexto do processo de aprendizagem. Este modelo tem-se mostrado adequado em contextos dirigidos para a pesquisa e para a solução de situações problemáticas, nas quais o objectivo é apelar à criatividade dos indivíduos. O professor facilita a partilha de informação e de conhecimentos entre os alunos, interagindo nos debates e providenciando para que todos, mutuamente, interajam. Este modelo tem sido reconhecido como impulsionador da criatividade, atitude crítica, espírito de grupo e capacidade de comunicação interpessoal. Legros (2002) faz uma distinção entre *colaboração* e *cooperação*, em que a primeira, compreende a realização de uma actividade em comum do princípio ao fim e a segunda, consiste na partilha de recursos da tarefa em que cada elemento do grupo executa uma parte e depois juntam-se as parcelas individuais num todo.

Levy (2001) também é apologista da aprendizagem cooperativa, para ele o modelo centrado no professor, na mera transmissão de conhecimentos, dará lugar a um modelo de acompanhamento e gestão de aprendizagens.

1.7. Perspectiva colaborativista no ensino das Artes Visuais

As perspectivas de Jean Piaget e Lev Vigotsky tiveram uma forte influência para os estudos de investigadores no campo das artes na educação. A linha de pensamento de Vigotsky, teve bastante interesse pois, abrange e acomodam diferentes objectos da influência social e das faculdades tecnológicas.

Na área das artes visuais, estas tendências adaptam-se ao destaque pós-moderno composto pela assimilação, interpretação e contexto, assim como às novas formas de produtos plásticos.

Para Catherine Fosnot (1999), um pensamento baseado nas ideias construtivistas, principalmente nas artes, descobre perspectivas e formas de ver desconhecidas. Para Fosnot (1999), o sucesso é maior quando se faz partilha de descobertas.

A perspectiva colaborativa compreende o aluno como um sujeito actuante no processo de ensino aprendizagem. O ambiente que o envolve, e que se espera desta vertente, traduz-se num clima que motiva e estimula o aluno a fazer reflexões sobre o que produz, valorizando o seu pensamento crítico.

A propagação dos computadores com ligação à Internet, tanto em casa como nas escolas, promove actividades de colaboração via Internet, o que se torna cada vez mais uma evidência. O conceito de aprendizagem colaborativa assistida por computador, abre campos para práticas inovadoras para o ensino das Artes Visuais, nos quais se inserem as TIC como uma ferramenta privilegiada, que promove o desenvolvimento de competências, quer ao nível cognitivo, quer ao nível social.

Podemos olhar para o trabalho de grupo como um procedimento que incentiva a investigação e favorece a capacidade de interagir e solucionar problemas em grupo. O ambiente torna-se activo, aberto a discussões, e focado no aluno. Este tipo de actividades proporciona problemas reais e instigam os alunos a encontrar soluções fazendo com que reflectam. Os alunos reforçam a consciência da importância em conhecer a realidade reflectindo sobre ela e intervindo. Assim, ao fazerem opções pelos seus projectos, geram-se momentos de aprendizagem que incidem sobre os seus interesses e valorizam o conhecimento de cada um.

Neste contexto, a colaboração é essencial, pois é necessário discutir, confrontar ideias, ou seja, interagir com os colegas para partilhar informação, recursos e ideias. É um trabalho em que todos se envolvem, o professor, o aluno e a comunidade.

Nestes projectos colaborativos, pode-se introduzir novos temas, adaptar aos já existentes e recriar novos projectos. Pode-se, ainda, fazer intercâmbio abrangendo alunos de outras comunidades educativas pertencentes a outros territórios, produzindo uma comunidade virtual de aprendizagem.

Com estas iniciativas, os alunos podem favorecer de contactos com outras culturas aprendendo capacidades sociais, cognitivas e competências na

aplicação das TIC. Os professores podem partilhar práticas e experiências educativas tornando-se uma mais-valia tanto a nível pessoal como profissional.

1.8. A Internet na educação

“A criação e desenvolvimento da Internet é uma extraordinária aventura humana. Mostra a capacidade das pessoas para transcender as regras institucionais, superar as barreiras burocráticas e subverter os valores estabelecidos no processo de criação de um novo mundo”

Manuel Castells

No mundo de hoje, observamos a tecnologia a cumprir um papel cada vez mais importante e decisivo, exigindo aos cidadãos uma constante actualização e adaptação às novas tecnologias que inundam a vida quotidiana nos diferentes meios da actividade humana. Saímos de casa com o telemóvel, e enquanto entrámos no elevador enviámos uma mensagem, consultamos a agenda no Ipod, tiramos uma fotografia que enviámos por e-mail e vamos até às edições diárias dos jornais on-line. Podemos ainda consultar o saldo bancário, as notas da Faculdade e comprar um bilhete de avião. Em casa ou na escola o computador envolve-se no cenário. É habitual vermos as crianças e jovens, com equipamentos portáteis, MP3, com capacidade de reproduzir dezenas de horas de música, telemóveis sofisticados com Internet, suficientemente pequenos para viajar escondido numa mochila ou nos bolsos de uns Jeans e, ao mesmo tempo, suficiente potente para aceder ao outro lado do globo.

Sentimos diariamente esta rede globalizada tecnológica a transformar a nossa comunicação e a internet intensifica velozmente os nossos espaços de vida contemporânea. Na educação há que aproveitar este recurso precioso.

Ellsworth (1997) defende que na sociedade actual o sujeito contemporâneo tem de ser crítico e eficiente na resolução de obstáculos. Neste sentido, Gokhale

(1995), olha para a aprendizagem colaborativa como uma oportunidade de potenciar nos discentes um pensamento crítico, através de debates que simultaneamente os responsabiliza pelas suas aprendizagens.

Castells (2001) e Levy (1997), referem que numa sociedade em rede global, cada pessoa é um agente propagador da informação e cada individuo um laço na imensa trama da informação. A sociedade em rede torna as pessoas que partilham dos mesmos interesses mais próximas, sendo esta comunicação directa, síncrona, ou indirecta, assíncrona. O ciberespaço é um conceito recente. Na perspectiva de Levy (1997) é um lugar de comunicação aberta pela interligação mundial dos computadores e de memórias informáticas, sendo assim, é o espaço onde as informações digitais circulam.

Actualmente os alunos estão a entrar na escola com aprendizagens tecnológicas apreendidas e esta, deverá aceitar, acompanhar e fortalecer estes novos conhecimentos, ajudando os estudantes a tirarem proveito da nova realidade que nos circunda.

Segundo Bottentuit (2004, p.10) *“não se pode fomentar a inclusão digital apenas adquirindo máquinas e disponibilizando acesso à Internet em alta velocidade para os estudantes”*. É essencial ensinar os alunos a transformar dados em informação e informação em conhecimento, formando assim pessoas mais preparadas para a sociedade e para o mercado de trabalho, percebendo que as máquinas não surgiram para substituir o homem e sim auxiliar na execução das suas tarefas. Para acompanhar o ritmo acelerado das mudanças culturais e sociais, é urgente preparar os cidadãos contemporâneos, para isso é essencial seleccionar correctamente as metodologias de ensino/aprendizagem e saber trabalhar em equipa.

Como explica Kovel Jarboe (1996), a Internet possibilita dar voz aos que estão mais isolados, dando a oportunidade destes transmitirem as suas perspectivas e visões únicas do mundo, rompendo assim com as distâncias geográficas. Hoje às escolas distantes dos grandes centros, abrem-se novas portas onde as

possibilidades são muitas, como intercâmbios, partilha de informação, formação à distância, visitas a Museus on-line, entre outras.

Os fóruns de discussão, inseridos numa página de hipertexto e divididos por temas, são um lugar de partilha de informação, Akers (1997) sublinha a importância de estarem organizados por tópicos temáticos, sendo bastante fácil seleccionar cada uma delas, dando oportunidade aos participantes de analisarem as perspectivas dos outros, reflectindo sobre o seu próprio conhecimento e apresentam as suas opiniões com endereços da *www* que confirmem as suas ideias. Rao (1997) é da mesma opinião, afirmando que são um excelente recurso de aprendizagem, onde se possibilita a troca de opiniões, ideias e experiências.

1.9. As TIC no sistema de ensino em Portugal

O projecto Minerva decorreu entre 1985 e 1994 sendo o primeiro grande projecto de utilização das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação nas escolas portuguesas. Introduziu as TIC nas escolas através de uma abordagem pedagógica integrando a formação de professores e a introdução curricular das TIC. Após o desaparecimento deste projecto, houve um grande esforço por parte de várias escolas para suportarem os custos de acesso e telefone.

A partir de 1996 surgiram vários projectos institucionais de apoio das TIC nas escolas, entre os quais se destacam o Nónio – Século XXI – Programa de Tecnologias da Informação e da Comunicação na Educação, lançado pelo Ministério da Educação, e o Programa Internet na Escola, do Ministério da Ciência e tecnologia.

O programa Nónio Século XXI era o organismo oficial encarregue de desenvolver actividades concretas de utilização das TIC, apetrechamento e acompanhamento do desenvolvimento dos projectos e pela formação inicial contínua.

Com a iniciativa do Ministério da Ciência e da Tecnologia, todas as escolas do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Secundário e algumas do 1º ciclo do Ensino Básico puderam ter acesso gratuito à Internet, através da UARTE, Unidade de Apoio à Rede Telemática Educativa.

O Ministério da Educação realizou protocolos com uma das entidades fornecedoras de acesso à Internet, a Telepac, de modo a criar condições mais acessíveis para o uso da Internet e lançou concursos para as escolas apresentarem projectos de utilização das TIC. Apesar do crescimento acentuado nos últimos anos no que se refere ao acesso e à utilização da Internet, Portugal apresenta ainda algum atraso face à média europeia.

1.10. O computador no Ensino Artístico

Tal como a sociedade, a arte acompanha as alterações culturais instigadas pelas novas tecnologias. Podemos verificar as suas mudanças nos seus conceitos, formas e suportes. A arte tende a ter um conceito à frente do seu tempo, reflectindo sobre novas formas de se exprimir. Naturalmente, o artista ao explorar campos criativos abre caminhos para outros profissionais.

Como exemplo, podemos verificar que a fotografia e o cinema foram reconhecidos como arte muito tarde. Neste sentido, sabemos que os artistas podem não ter descoberto os suportes digitais, no entanto, ao desbravarem as suas competências impulsionaram novas realidades.

Hoje, conhecemos diversas formas de expressão artística que recorrem a recursos digitais e no entanto sem classificação devido à sua contemporaneidade.

Sob denominações diferentes, as artes digitais estão cada vez mais presentes no nosso dia-a-dia, sendo preciso considerá-las compreendendo as suas dicotomias e especificidades.

Ao depararmo-nos com esta realidade diária, também no campo das artes, é necessário que os organismos educacionais adaptem os seus programas quanto

ao conteúdo e recursos utilizados. Se a arte sempre se apropriou das inovações da tecnologia para alargar a sua criatividade, então, parece-me necessário incorporar tecnologias contemporâneas neste processo.

Se olharmos para a história da arte, constatámos que desde a pré-história a arte esteve ligada a algum tipo de tecnologia. Dos utensílios mais primatas aos mais adulterados, a verdade é que hoje o que vemos como *novas tecnologias* de uma forma muito acelerada será ultrapassada por outras cada vez mais avançadas.

Este procedimento é fácil de perceber se virmos a tecnologia adaptada à realidade do seu tempo.

De alguma forma, a arte deu um forte contributo às novas tecnologias, se existe hoje uma preocupação estética com a imagem foi devido a ela, e assim, impulsionou o aparecimento de várias aplicações informáticas e o seu persistente aperfeiçoamento.

Blestro & Mantovani (2004) reforçam a ideia que a utilização das Tecnologias de Informação (TIC) no processo de aprendizagem é uma necessidade urgente devido a estarem inseridas em quase todos os sectores da sociedade.

Apesar deste prisma utilitário, o computador também pode ser um recurso com muitas capacidades para sugerir alterações na educação, começando por considerá-lo como uma ajuda na aprendizagem dos sujeitos e nem tanto como forma de ensinar.

Para Moles (1990) uma nova forma de arte está a surgir, incitada pelas características do computador. Levy (1994) vai ao encontro da mesma opinião quando refere que a facilidade de visualização e simulação promovida pelo computador pode estimular o eclodir da imaginação do utilizador. Sendo assim, as TIC podem ter um carácter potencializador de novas concepções formais, espaciais e temporais. Segundo Moles (1972), as novas imagens, com o seu encantamento e evocação, as suas funções expressivas e conotativas ou estéticas, poderão dar origem a que o fruidor crie, num processo dinâmico,

novas formas simbólicas, novos modelos mentais, promovendo o acto comunicativo.

Como factor dinâmico, a imagem nas suas várias funções, acaba por reflectir a sociedade, manifestando a sua cultura, os seus valores e comportamentos, e simultaneamente propagador de conhecimento e de prazer estético.

Nesta óptica, os computadores são mediadores, que proporcionam para além da comunicação o processo de aprendizagem e aquisição de valores, através de estímulos e experiências vivenciados por todos no meio ambiente.

Numa perspectiva pedagógica, Borderie (1972) citado por Martins (1997, p.31) evoca uma educação para os média, não só como defesa contra o condicionamento possível mas também como forma de conseguir uma comunicação eficaz. No entanto a escola muitas vezes esquece que os alunos têm influências no seu comportamento também pelas mensagens emitidas pelo meio envolvente (Moles, 1972); e que estes interiorizam as representações e valores propostos pela escola paralela¹ (Lawve e Bellas, 1979, cit. por Jacquinet, 1985). A inquietação com uma educação para os média e com os média com principal ocorrência nos códigos da imagem, é fundamentada pelo consumo de mensagens icónicas e verbo-icónicas² feito pelos alunos, quer em situação livre na escola paralela, quer em situação de aprendizagem na escola formal.

Tardy (1973) citado por Martins (1997, p.32), defendendo uma pedagogia que promove o imaginário de forma complementar de uma pedagogia da imagem, questiona a relação pedagogia tecnologia e imaginário, já que no campo pedagógico está preso um modelo de desenvolvimento cognitivo ligado exclusivamente à comunicação verbal, privilegiado pela informação em detrimento do imaginário.

¹ Conceito atribuído a Friedman – 1966, presente em artigos publicados na época no jornal Le Monde

² La Bordeire, no seu livro *Les Images dans la Société et l'Éducation* (1972, p.147), designa como icónica a mensagem constituída por imagens e verbo icónica a mensagem que integra a palavra e a imagem; considerando a imagem não só como visual, mas acústica, olfactiva, táctil, de acordo com os órgãos dos sentidos envolvidos na percepção, partindo do princípio de que a imagem de algum modo se assemelha ao objecto que representa, considera ainda a imagem relacional.)

No domínio da Psicologia, investigações revelam, segundo Jacquinet (1985) citado por Martins (1997, p.33), o valor do papel do imaginário na aprendizagem, pois *“não há formação sem uma fantasmática subjacente, quer dizer uma organização estruturante e temática da energia pulsional.”*

O computador tem o potencial da simulação, a antevisão e a exploração que só era possível na concepção humana. A máquina permite distinguir o progresso da expressão gráfica representada graficamente em comparação com os materiais tradicionais (a não ser que se fotografe sucessivamente). Desta forma, oferece uma nova forma de expressão, para além do novo traço, ele possibilita a transformação e as possibilidades de experimentação podendo-se "recuperar" fases anteriores do trabalho gráfico. Uma capacidade de enorme valia.

Neves (2005) refere que enquanto a criança compõe e cria sobre o que já existe, na verdadeira interacção criança máquina, cabe à máquina repetir e simular o que o pensamento constrói e comanda em tempo real, sem limites para a criatividade.

Neste ambiente tecnológico, a conformidade com os símbolos sofre alterações, os alunos apesar de não saberem desenhar o que imaginam, podem representar. Esta antevisão pode estar a proporcionar no aluno um novo nível de desenvolvimento.

Muitos dos programas de desenho informáticos são flexíveis e com muitas ferramentas proporcionando várias hipóteses. Os alunos servem-se dos conhecimentos já apreendidos com os materiais tradicionais para trabalharem com as ferramentas novas. Se olharmos para a caneta óptica, rapidamente nos apercebemos que proporciona a mesma coordenação de visão e motora, que o material pincel e tela, transpondo imediatamente para o visor com a característica de se poder guardar, apagar e refazer.

Estas novas formas de plasticidade englobam a reprodução, as metamorfoses, a eliminação, composição e para além disso pode-se voltar à imagem inicial, o que possibilita fazer uma nova composição.

Com a reforma curricular do Ensino Básico, as TIC passam a ter uma importância estratégica a nível do Currículo Nacional do Ensino Básico e, conseqüentemente, na disciplina de Educação Visual. Determina-se que a utilização das TIC criam uma aprendizagem transdisciplinar, ao lado do domínio da língua e da valorização da dimensão humana do trabalho. Isto aponta para que as TIC passam a integrar um leque de estratégias a empregar na acção pedagógica, em todas as disciplinas e áreas disciplinares. Nos princípios orientadores do currículo, deve existir a valorização da variedade de metodologias e estratégias de ensino e actividades de aprendizagem, em particular, com recurso a Tecnologias de Informação e Comunicação.

Na disciplina de EV há que elaborar, no plano de ensino e aprendizagem, unidades de trabalho que abrangem conteúdos programáticos, que façam com que as TIC se tornem verdadeiros instrumentos de apoio ao ensino, devendo para tal os docentes, serem susceptíveis às alterações profundas que as TIC provocam nos processos cognitivos. Não basta que os professores ensinem os alunos a aprender, mas, antes, como refere Rosmaninho (2001) têm também que os ensinar a procurar e a relacionar as diversas informações, revelando espírito crítico.

O uso das TIC como instrumento e recurso na sala de aula é entendida como uma área transversal. O professor deverá, nas suas planificações, englobar estratégias conducentes à rentabilização das TIC no processo de aprendizagem e formação geral dos alunos (Rodrigues, 2005).

Espera-se que o professor de Educação Visual, dado que a imagem é uma forma de representação importante nos meios de comunicação, uma participação activa na utilização das TIC na escola. Tanto a nível da sensibilização, como na escolha crítica, produção e experiências de novas formas educativas.

O recurso ao computador na aula de EV não tem como objectivo transferir o tipo de ensino tradicional, que se baseia no *aprender fazer*, que se realiza na observação e construção de imagens e, conseqüentemente, na análise dos seus

componentes construtivos ao nível dos elementos da linguagem visual e suas interações, bem como das regras de composição que se devem seguir.

Pretende-se que o computador, a par dos materiais habitualmente manipulados em EV, seja compreendido como um forte recurso na elaboração de alguns modelos de imagens e produtos

O computador é mais um suporte, uma ferramenta para além do papel, do lápis, do guache, do compasso ou da régua, que deve ser explorado. Através dos diferentes tipos de *software*, a base informática pode ser encarada como uma nova técnica, com potencialidades próprias, que está à disposição da criatividade do artista plástico e, por outro lado, constitui um meio muito importante na resolução de actividades demoradas.

Em Educação Visual, o uso das TIC pode libertar o aluno no seu processo criativo, dando possibilidades deste intervir, recriar e criar os seus próprios trabalhos. O aluno deve ter acesso a novas formas actuais de se exprimir como a fotografia, o vídeo ou outros meios tecnológicos como o desenho assistido por computador.

Por meio da orientação do professor, o aluno deve produzir análises formais e críticas, e desenvolver projectos, tendo como referência imagens, filmes ou produtos gráficos executados através das várias tecnologias (ME, 2001).

O facto de o computador ampliar as possibilidades de composição gráfica, implica uma nova abordagem dos conteúdos leccionados em EV e do papel do professor, que ao adaptar-se ao contexto passa a enquadrar-se com a geração mais nova de alunos, que já possuem capacidades de informação mínimas, que justificam os novos métodos de ensino. Os professores que não acompanharem a sociedade e conseqüentemente o uso das TIC, auto-exilam-se num sistema de aprendizagem desajustado da realidade. Os docentes devem conciliar nas escolas os recursos tecnológicos actuais com as suas práticas mais "tradicionais" de maneira a defenderem o ensino, nomeadamente na EV, onde hoje, com o crescimento da autoaprendizagem (sobretudo nas TIC) dos alunos corre-se riscos de inversão de papéis.

1.11. Considerações finais

O processo de ensino-aprendizagem deverá estar inserido num contexto comunicacional participativo, colaborativo, interactivo, vivencial e no qual as Tecnologias de Informação e Comunicação facultem interacções mais amplas, que articulem o presencial e o virtual. Assim, é essencial pôr o conhecimento à disposição dos outros e para isso torna-se necessário dispor de ambientes de aprendizagem em que as novas tecnologias sejam ferramentas instigadoras, capazes de colaborar para uma reflexão crítica, para o desenvolvimento da pesquisa, proporcionando facilidades para a aprendizagem de forma permanente e autónoma.

A Internet é uma ferramenta que oferece um mundo de informação muito vasto, possibilitando a realização de trabalhos de investigação em várias áreas do currículo. O contributo das TIC, para a área das artes visuais poderá, neste contexto, ser certamente uma mais valia no que concerne à ampliação das capacidades de leitura e descodificação de mensagens visuais, por parte dos alunos. As tecnologias de Informação e Comunicação, podem ainda, dar um precioso contributo para melhorar e aperfeiçoar os contextos tradicionais das áreas artísticas e de expressão visual.

Capítulo II

2. RELATÓRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

2.1. Introdução

Introduzido no Mestrado de Ensino das Artes Visuais no 2º, 3º ciclo e Secundário, o estágio desenvolvido no ano lectivo de 2010/2011, decorreu em duas escolas diferentes, designadamente: Escola Secundária Cunha Rivara em Arraiolos e a Escola Secundária Rainha Santa Isabel em Estremoz.

A primeira parte da prática de Ensino Super Visionada decorreu na Escola Básica e Secundária Cunha Rivara, teve início a 21 de Setembro e terminou a 14 de Dezembro. O núcleo de estágio foi constituído por dois estagiários: Rita Melo e Ricardo Crista.

O Professor Cooperante, Luís Silva, é efectivo na Escola Cunha Rivara e desenvolve funções de Director de Turma do 7º D leccionando as disciplinas de Educação visual e Formação Cívica. Desde o primeiro encontro até ao final do estágio, esteve sempre disponível, apoiando todo o processo e aconselhando formas e métodos de melhorarmos o nosso desempenho.

A primeira reunião com o professor cooperante, decorreu no dia 21 de Setembro, com o objectivo de acertar algumas questões referentes ao estágio que iria decorrer na Escola Cunha Rivara na disciplina de Educação Visual referente ao 7º ano. Este primeiro contacto com o Professor Luís Silva foi traduzido numa reunião na qual se trocaram impressões pessoais e algumas regras chave para o início de estágio. Comunicou as regras de sala de aula, alertou-nos para não cedermos de imediato num primeiro contacto com os alunos, sermos cuidadosos com a linguagem e atitudes. Cedeu-nos a sua planificação (APÊNDICE I) para podermos, em acordo, propor actividades.

Antes de iniciarmos a prática pedagógica, graças à disponibilidade do professor cooperante, foi nos permitido assistir às aulas desde o dia 28 de Setembro até 5 de Outubro, o que foi benéfico, na medida em que nos proporcionou um melhor

conhecimento da turma e observámos a prática pedagógica do professor Luís Silva, o que nos fez reflectir sobre a preparação das nossas aulas.

2.1.1. Caracterização da Escola

A Escola Secundária Cunha Rivara desenvolve a actividade de ensino próximo do Castelo, localizando-se na Rua 5 de Outubro em Arraiolos.

Devido ao facto da Escola estar a ser requalificada, durante o período de estágio, a leccionação das aulas decorreu em pré-fabricados instalados de forma provisória.

Relativamente à sua imagem corporativa oficial, a presente escola tem o seguinte logótipo que deve ser identificado em todos os documentos oficiais:



Figura I (fig. Logótipo da Escola Secundária Cunha Rivara)

2.1.2. Caracterização do meio sócio-económico

A vila de Arraiolos no Alto Alentejo situa-se no distrito de Évora. É um concelho rural de segunda ordem, com uma população de 7616 habitantes. Apesar de ter uma posição geográfica que lhe confere algumas potencialidades turísticas acrescidas, considerando todo o seu património cultural e arquitectónico, os alunos têm uma conjuntura social e cultural rural.

No entanto, segundo os censos de 2001, existiu uma diminuição de cerca de 15 pontos percentuais da população que trabalhava no sector primário e um aumento 17,9 pontos percentuais da população que trabalhava no sector terciário.

A população do concelho de Arraiolos³ possui baixos índices de escolarização e, conseqüentemente, de iliteracia, dado que 40,7% possui apenas o 1º ciclo e 20,35 não possui qualquer grau de escolaridade.

Este dado, só por si, justifica, a par do ensino regular, a aposta em percursos escolares alternativos como Cursos de Educação e Formação e Cursos Profissionais, no caso dos jovens, nos Cursos de Educação e Formação de adultos e no Centro Novas Oportunidades, no caso da população já integrada no mercado de trabalho.

2.1.3. Alunos e docentes

Nesta Escola estudam cerca de quinhentos e sessenta e um alunos. Estão ao serviço da Escola noventa e três professores, e relativamente a pessoal não docente são trinta e três⁴.

2.1.4. Serviços e Espaços

Os serviços e espaços que a escola disponibiliza são os seguintes:

- *Serviços*: Núcleo de Necessidades Educativas Especiais; Professores Tutores; Gabinete de Segurança, saúde e bem-estar; Centro de Recursos Educativos; SASE; Biblioteca; Cantina; Bufete; Reprografia; Casas de banho;
- *Salas especializadas*: uma sala dos professores, laboratório, Sala de EDM, sala de ET, sala de EVT, sala TIC, Sala DT, sala CNO, sala NEE, sala de convívio, cozinha

³ Informação que consta no Regulamento Interno da Escola

⁴ Informação que consta no projecto educativo

2.1.5. Horário de funcionamento

A escola funciona todos os dias úteis da semana no período das 7h30m às 22h20m. Os serviços administrativos estão abertos de segunda a sexta-feira, sendo o horário das 9h00 às 17h 30m. Os períodos lectivos estão organizados em três partes:

- Período da manhã: das 08:20 às 13:15
- Período da tarde: 13:30 às 17:40
- Período da noite: 19:15 às 22:20

2.1.6. Caracterização da disciplina de Educação Visual

“A Educação Visual constitui-se como uma área da saber que se situa no *interface* da comunicação e da cultura dos indivíduos tornando-se necessária à organização de situações de aprendizagem, formais e não formais, para a apreensão dos elementos disponíveis no Universo Visual. Desenvolver o poder de discriminação em relação às formas e cores, sentir a composição de uma obra, tornar-se capaz de identificar, de analisar criticamente “*o que está representado e de agir plasticamente são modos de estruturar o pensamento inerentes à intencionalidade da Educação Visual como educação do olhar e do ver*”⁵.

A disciplina de Educação Visual pertence ao currículo dos três ciclos de ensino Básico. A disciplina de Educação Visual abrange o 7º, 8º e 9º ano, e insere-se na Área de Educação Artística, dado que “*situa-a nos domínios concretos da expressão Plástica e do Desenho, entendido este como uma escrita visual de uma área específica das artes. A Educação Visual é uma disciplina fundamental para a Educação Global do cidadão*”⁶.

⁵ Currículo Nacional e do Ensino Básico, Educação Artística, Competências Essenciais, p.155

⁶ S.a, Educação Visual, Ajustamento do programa de Educação Visual 3ºciclo. Departamento da Educação Artística

No Currículo Nacional do Ensino Básico, podemos constatar que a Educação Visual está intrinsecamente ligada à Arte, quando refere “*A Arte como forma de apreender o mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura*”⁷.

Durante o ensino básico o aluno deverá adquirir competências específicas de Artes Visuais que se articulam em três eixos principais: fruição-contemplação, produção-criação, reflexão-interpretação.

Relativamente à fruição/contemplação, pretende-se que o aluno reconheça a importância das artes visuais como valor cultural indispensável ao desenvolvimento do ser humano, desenvolvendo no formando a capacidade de perceber e reconhecer as artes como valor cultural primordial para o seu desenvolvimento. Potenciar no aluno a capacidade de apreciação crítica relativamente ao entendimento das diversas manifestações artísticas, promovendo a capacidade de análise crítica, tendo por base as experiências e os conhecimentos adquiridos.

No que concerne à produção-criação, através da representação, pretende-se desenvolver a capacidade da compreensão do mundo real. Potenciando a criatividade por meio da materialização das ideias. Simultaneamente, os alunos deverão dominar meios e técnicas, através da utilização dos materiais, realizando produções que insiram elementos da comunicação visual.

Quanto à reflexão-interpretação, propõe-se que o aluno desenvolva a sua sensibilidade estética, relativamente às diferentes formas de expressão visual e que potencie uma postura crítica em relação aos meios de comunicação visual.

Da disciplina de Educação Visual, concernem cinco conteúdos programáticos, designadamente: comunicação, espaço, estrutura, forma, luz-cor. Estes conteúdos deverão ser explorados nos três anos do 3º ciclo de forma lógica. A Educação Visual deverá explorar o desenho, a pintura, a escultura, o design,

⁷ Currículo Nacional do ensino básico, op.cit,p.155

entre outras. A área, habitualmente, mais explorada é o desenho através de registos livres, de observação e representação rigorosa.

Para proporcionar novas aprendizagens no aluno, o docente, deverá incitar à exploração e utilização dos vários meios de expressão, utilizando diferentes instrumentos nos diversos suportes. A criatividade deverá ser estimulada, tendo em conta as tecnologias da informação e comunicação, através da exploração da linguagem digital.

A disciplina de Educação Visual é de grande importância, dado que contribui para o desenvolvimento da expressão pessoal, cultural e social do formando, estimulando a envolver-se em desafios colectivos e pessoais, contribuindo para a edificação da identidade pessoal e social. É de grande relevância na formação dos alunos, permitindo a aquisição um nível cultural e artístico mais elevado.

Consoante o Currículo Nacional do Ensino Básico de Educação Artística, “*a relação entre o Universo e os conteúdos das competências formuladas para a educação visual pressupõe uma dinâmica proporcionada de descoberta, da dimensão crítica e participativa e da procura da linguagem apropriada à interpretação estética do Mundo*”⁸.

2.1.7. Caracterização da sala de Educação Visual

A sala destinada à disciplina de Educação Visual insere-se num contentor provisório com um espaço limitado de aproximadamente de 9m X 6m. A iluminação é escassa dado que as três pequenas janelas, de cada lado, ficam muito próximas dos outros contentores impedindo, assim, a entrada de luz. A sala está equipada com um quadro, mesas e cadeiras, dois armários para materiais da turma e capas dos alunos, computador com ligação à Internet *wireless*. A sala não reunia condições excelentes dada a dificuldade da entrada de luz natural, pouca rede *wireless* e a impossibilidade de fixar os trabalhos dos alunos.

⁸ Currículo Nacional do Ensino Básico, Educação Artística, Competências Essenciais, p.156

2.1.8. Caracterização da turma 7º D

O Director de turma elaborou um questionário (APÊNDICE II) que nos permite analisar a constituição da turma e respectivos dados pessoais.

Assim, podemos verificar que a turma é formada por 19 alunos, sendo catorze rapazes e cinco raparigas com uma média de idades de 12 anos; 33% dos alunos reside em Arraiolos, 27% no Vimeiro e os restantes habitam em seis pequenas aldeias do Concelho, com a excepção de um aluno que vive apenas com a mãe, todos os outros vivem com ambos os pais. No meio familiar, 40% dos alunos têm um irmão, 27% dois irmãos, um aluno com três irmãos e 27% são filhos únicos. Na turma apenas existe três mães com curso superior e nenhum dos pais carece de falta de escolaridade, os dados apontam para uma boa percentagem de empregados com a excepção de duas mães que se encontram desempregadas. As mães são as únicas responsáveis de educação de toda a turma e no que conta a retenções, existem três alunos; 73% dos alunos têm a Educação Física como a disciplina preferida e 20% a Educação Visual. Mais de 50% dos alunos têm a pretensão de progredir nos estudos no ensino superior. Foi detectada uma situação de uma aluna com necessidades específicas, diagnosticada com dislexia. Para esta aluna, eu e o meu colega de estágio, Ricardo Crista, desenvolvemos um estudo com a finalidade de potenciar uma ferramenta digital que pudesse auxiliar na disciplina de Educação Visual.

2.1.8.1. O Caso *Irene*

Na turma 7ªD, está inserida uma aluna, cujo nome fictício aqui apresentado é *Irene*, que se encontra diagnosticada com uma Perturbação Específica da Leitura e da Escrita, do tipo misto, usualmente designada por dislexia/disortografia. Ao nos confrontarmos com este caso, foi desenvolvido um projecto, em parceria com a disciplina de Necessidades Educativas Especiais, com a finalidade de aliar as TIC e a disciplina de EDV a auxiliarem a aluna nas suas dificuldades de aprendizagem.

Esse estudo (ver CD-ROM ANEXO 1) incide na aluna adolescente, com 13 anos de idade, que apresenta um perfil de funcionalidade com resultados abaixo do esperado e com uma perturbação específica da leitura e da escrita. O primeiro Capítulo é dedicado a um enquadramento teórico sobre o perfil dos indivíduos com Dificuldades de Aprendizagem e como as Tecnologias de Informação e Comunicação poderão auxiliar os alunos com necessidades específicas de educação, mais especificamente no Ensino da Educação Visual.

Segundo Rebelo (1993), a aquisição das competências da leitura é uma condicionante essencial de toda a aprendizagem futura. A aprendizagem da leitura não se constitui como um fim em si mesma, antes constitui-se como uma ferramenta – uma chave – para o acesso a outras aprendizagens. O insucesso na aquisição da leitura influencia, por sua vez de forma decisiva, a aprendizagem noutras áreas disciplinares, para as quais o domínio desta competência é essencial.

Actualmente 50% da população escolar das Necessidades Específicas de Educação tem Dificuldades de Aprendizagem Específicas. No entanto, este conceito é controverso e com várias opiniões, sendo muitas vezes usado de forma errada para referir realidades muito distintas. A investigação tem exprimido que estes alunos apresentam problemas no processamento da informação, que é a essência do processo de aprendizagem. Estes problemas, traduzem-se na forma como recebem a informação, como a integram, a retêm e a exprimem (Correia, 2008). As Dificuldades de Aprendizagem Específica de acordo com vários especialistas, serve para descrever uma desordem de origem neurobiológica que tem como fundamento uma estrutura ou um funcionamento cerebral diferentes. Esta desordem afecta a forma como a criança processa a informação, resultando em problemas quanto à sua capacidade de falar, escutar, ler, escrever, raciocinar e organizar informação ou de fazer cálculos matemáticos. Esta multiplicidade de problemas não significa que uma criança os apresente todos. Assim sendo, cada caso é um caso com características específicas. Estes impedimentos específicos para a aprendizagem não resultam de uma deficiência visual, auditiva, mental ou motora, de autismo ou

multidificiência, nem de desvantagens sócio-culturais e económicas (Correia, 2008). Sendo assim, o problema dos alunos com Dificuldades de Aprendizagem Específicas não está na quantidade de informação que podem aprender, mas sim, na forma como aprendem.

O Sistema Educativo Português proclama-se a favor de uma igualdade de oportunidades, no entanto, os alunos com dificuldades de aprendizagem têm sido negligenciados pelo sistema educativo, continuando a não ter direito a qualquer tipo de serviço que se enquadre no âmbito da educação especial como os serviços e apoios especializados. Assim sendo, uma grande percentagem destes alunos começam bem cedo a sentir o peso dessa negligência, traduzida num insucesso escolar marcante, que leva, na maioria dos casos, ao abandono escolar. “A lei é omissa em relação à definição e aos critérios de identificação desta problemática e, como tal, o conjunto de alunos com Dificuldades de Aprendizagem Específicas não é formal e explicitamente, beneficiário de um qualquer apoio especializado nas escolas regulares” (Martins, 2006, pp.16-17)

Estudos indicam que intervenções eficazes e específicas podem ajudar a superar alguns dos problemas característicos da dislexia, nomeadamente na leitura, e que podem ser ampliadas quando desenvolvidas com a ajuda do computador.

Neste sentido, com a chegada das Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, considerámos ser oportuno aliar as TIC à disciplina de Educação Visual de forma a se adoptar novas formas de ensino e aprendizagem auxiliando todos os alunos, e em particular com os alunos com necessidades educativas especiais. O trabalho desenvolvido pretende sugerir algumas estratégias específicas para a aluna *Irene*, aliando as TIC à disciplina de Educação Visual. Sabemos que a expressão plástica ocupa um lugar privilegiado no desenvolvimento psicomotor dos indivíduos, e oferece oportunidade para manipular directamente os materiais de comunicação e expressão. A inclusão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em contexto educativo proporciona aprendizagens com um elevado grau de sucesso, ao nível do

emprego destas como plataforma comunicacional, explorando didácticas e utilização de ferramentas na obtenção dos resultados.

O projecto faz uma abordagem à avaliação da adolescente, e teve como base todos os relatórios clínicos e técnico-pedagógicos da adolescente em questão facultados pelo Director de Turma e Professor Cooperante, Luís Silva.

O trabalho explicita o uso do computador como recurso pedagógico no processo de ensino e aprendizagem de alunos com necessidades educativas especiais. Propõe-se actividades que possibilitem aos mesmos uma maior interacção com o computador, visando o seu desenvolvimento cognitivo, social e cultural. Como objectivo principal é apresentar soluções de aprendizagem para a jovem *Irene*, é sugerido um apoio formado pelo software *Weebly*⁹. O resultado esperado destaca-se na importância da utilização do computador e da Internet como recurso pedagógico no processo de construção do conhecimento da aluna.

2.1.9. Acção didáctica

2.1.10. O projecto desenvolvido com a turma

No início do ano lectivo, o Professor titular de EDV, elaborou uma planificação anual para a sua turma do 7º ano (APÊNDICE I) tendo em conta os conteúdos e as aulas previstas para cada unidade e respectivo período.

De acordo com esta planificação, desenvolvemos as planificações diárias adaptando-as às características dos alunos e o professor introduziu as nossas propostas na sua planificação (APÊNDICE III).

Estes planos de aula foram concebidos tendo como base a planificação anual para a turma do 7ºano elaborada pelo Professor Luís Silva, e como referência o CNEB¹⁰ e o Ajustamento do Programa de EV 3º Ciclo¹¹.

⁹ Serviço gratuito para criação de sites

¹⁰ Ministério da Educação (2001) *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais* (p.15). Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica

A primeira UC, intitulada de “A Janela e o Tempo”, veio introduzir um novo conteúdo na planificação anual do 7^o D, que acompanharia todos os outros conteúdos de forma transversal e interdisciplinar. De acordo com o CNEB, os alunos deverão utilizar as tecnologias de informação e comunicação, criando novas oportunidades de trabalho com diferentes programas e materiais informáticos, assim como o recurso à Internet. Esta UCI consistia num Portfólio de Aprendizagem *on-line*, com todos os recursos dados nas aulas, trabalhos dos alunos e a respectiva memória descritiva, e actividades para o Diário Gráfico. Pretendia ainda fornecer as ferramentas digitais para edição de imagem.

Na planificação UCI (ANEXO 2) foi especificado o conteúdo programático, a área de exploração, os objectivos, as metodologias a utilizar, as actividades e estratégias, os recursos necessários, uma estimativa da duração dos tempos e os métodos de avaliação.

Em reunião com o colega de estágio e o Professor titular, ficou acordado explorarmos a UC II (ANEXO 3) com o conteúdo do ponto, linha e textura e a UC III (ANEXO 4) sobre o plano e volume e a capacidade de comunicação pela linguagem visual.

Para a realização das unidades curriculares I; II e III, foi necessário organizar as aulas, estabelecendo uma sequência lógica das mesmas de acordo com os conteúdos da disciplina, de modo a não quebrar o processo de aprendizagem dos alunos. Para nos organizarmos melhor, planificámos as UC que se intitularam de “A Forma e a Proposta I e II”, e que teve por base o livro *Metamorfose* de Franz Kafka.

Ambos os planos foram elaborados com a duração dos tempos e respectivas actividades e estratégias, as competências gerais e específicas, conteúdos programáticos e áreas de exploração

¹¹ Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica. Educação Visual. Ajustamento do programa de Educação Visual 3^o Ciclo. em: http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/wp-content/uploads/2010/09/educ_visual3CEB.pdf

Inicialmente para a UCI cada aluno, através da linha, fez uma parcela de uma imagem em grafite, na qual o resultado final se traduziu na figura de uma barata que foi colocado no fundo da sala. O módulo III veio dar vida ao insecto através do desenvolvimento de uma narrativa sobre “A Metamorfose” em Banda desenhada.

No decorrer do projecto, procurámos arranjar estratégias para desenvolvê-lo de forma organizada, adequada e adaptada. Procurámos materiais e recursos diferenciados criando *suspense* de aula para aula. Utilizámos as TIC quando criámos o Portfólio de Aprendizagem on-line e as respectivas ferramentas digitais, powerpoints dinâmicos, quiz de aprendizagem interactiva, e suportes de papel mas com dimensões menos usuais. No estágio realizado na Escola Cunha Rivara, foi-nos possível concluir todas as etapas do projecto e levá-lo até ao fim.

2.1.11. Descrição sumária das aulas

Durante a primeira fase do ensino supervisionado foram observadas 2 aulas e leccionadas 8 aulas de 90 minutos à turma 7^oD, consoante os objectivos das planificações (ANEXOS 2; 3 e 4). Serão descritas as aulas e reuniões com o professor de acordo com o que foi vivenciado e supervisionado.

2.1.11.1. Primeiro contacto 21/09/2011

Situada perto do castelo, envolvida pela paisagem batida pelo sol, a escola encontra-se em obras. O novo Espaço é agora substituído, temporariamente, por um labirinto de contentores que tomam o lugar de “estufas” de ensino. A escola estava vazia e pensei de como seria cheia de alunos. O primeiro contacto com o Professor Luís Silva foi traduzido na reunião que foi referida na introdução do presente relatório.

2.1.11.2 - 1º / 2ª Aula 28/09/2011 e 12/10/2011 – Observação

O segundo Contacto com a Escola Cunha Rivara foi mais agradável, talvez ao facto da imagem de uma escola pré-fabricada já me ter sido assimilada. A enfadonha imagem que tinha projectado, de alunos engolidos pelos corredores estreitos com uma sala de convívio dentro de uma tenda e um refeitório num contentor desprovido de condições, desvendou-se num cenário bem diferente. O espaço, apesar de pouco apelativo, acolhia os alunos calmos e serenos sentados à porta das salas que entretanto se abriam com professores novos de sorriso expressivo. Daí a uns minutos seria eu a recebê-los.

Dentro da sala de aula, o Professor Luís apresentou-nos aos alunos curiosos que nos observavam atentamente, prosseguindo de seguida com a aula.

Dada a disponibilidade do Professor Luís Silva, foi possível assistirmos e observarmos às aulas do dia o que tornou muito benéfico para a leccionação das aulas seguintes.

A observação deu-nos a possibilidade de conhecer melhor os alunos proporcionando-nos uma reflexão sobre a forma de os motivar.

As aulas, divididas em dois momentos, foram iniciadas com a vertente teórica explicando os exercícios. No seguimento, os alunos executavam as actividades práticas e o professor, sempre que achava necessário, relacionava com a componente teórica.

Este tipo de intervenções que o professor ia tendo ao longo das aulas, proporcionaram-nos uma reflexão e compreensão da importância desta estratégia. Os alunos, simultaneamente, faziam e reflectiam sobre determinados conteúdos e ideias do trabalho que estavam a desenvolver.

Naturalmente, fomos participando nas aulas auxiliando os alunos na concretização dos trabalhos e actividades. O Professor Luís foi-nos orientando e aconselhando sobre a forma de actuar, de transmissão de conhecimentos, da postura entre outras. Sentimos que todas as sugestões foram uma mais-valia para a nossa prática pedagógica.

2.1.11.3 - 3º Aula 19/10/2011 – “A Janela e o tempo”

Esta aula exigiu uma preparação adicional antes da sua realização. Foi criado um site na *Weebly* com o objectivo de se tornar um Portfólio de Aprendizagem para os alunos do 7º D, onde constariam os trabalhos desenvolvidos nas aulas e actividades propostas para o diário gráfico. Após termos discutido com o professor cooperante, foi de mútuo acordo que futuramente todos os professores, das várias disciplinas da turma o poderiam usar para que contribuísse para uma melhor interdisciplinaridade, existindo uma gaveta para cada disciplina com o nome dos respectivos alunos.



Figura II (www.projecto7d.weebly.com)

Este projecto foi intitulado “A Janela e o Tempo”. Na gaveta de EDV, encontram-se as actividades propostas pelos professores e os recursos dados nas aulas para que possam consultar sempre que necessitem. A gaveta com o nome do aluno é destinada aos trabalhos e à reflexão sobre o mesmo. Foi, ainda, acrescentada uma gaveta “Materiais” onde se encontra uma breve explicação dos materiais mais usados em EDV e seus potências.



Figura III (Gavetas e Recursos do site)

Para esta aula foi solicitado a sala de informática. A aula teve uma componente teórica de aproximadamente 20 minutos, a componente prática de 60 minutos e finalizou-se com uma reflexão sobre o conhecimento adquirido durante os últimos 10 minutos como previsto na planificação (ANEXO 2).

Inicialmente, foi estabelecido um breve diálogo entre nós e os alunos sobre o Portfólio de aprendizagem e a explicação do projecto “A Janela do Tempo”. Os alunos mencionaram os seus conhecimentos, expectativas e motivações. Foi projectado um Powerpoint (Ver CD-ROM – ANEXO 5) com a apresentação e explicação do recurso *Weebly* dando indicações de como entrar com o respectivo *login e password* seguidos de todos os passos para poderem editar as suas próprias imagens e escrever sobre as mesmas. Após a apresentação, iniciou-se a vertente prática. Nesta fase, cada aluno com o respectivo computador, experimentou fazer o *download* de uma imagem, de um trabalho desenvolvido para a aula de EDV, para a sua pasta, escrevendo uma breve

reflexão sobre o mesmo. Contactámos que desde o início, os alunos demonstraram grande motivação e facilidade em manejar a ferramenta digital “A Janela do Tempo”. Depois de repetirem este exercício algumas vezes, e sentirmos que estavam familiarizados, procedeu-se ao passo seguinte. Foi fornecida a ferramenta PIXLR de tratamento de imagem para que pudessem manipular os seus trabalhos na forma e cor. O entusiasmo fez-se sentir nos resultados que foram nascendo.

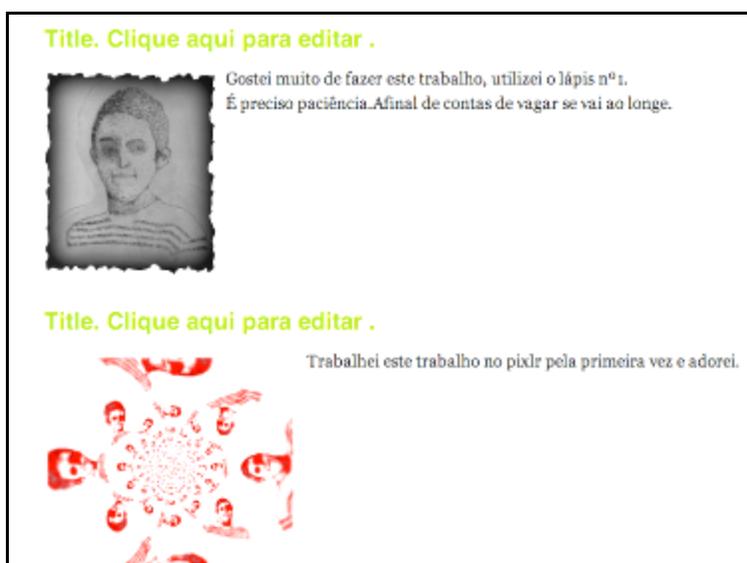


Figura IV (Exemplar de exercício realizado e publicado por alunos)

A aula terminou com a reflexão sobre o conhecimento adquirido e introduzido o tema da próxima aula: o ponto.

2.1.11.4- 4ªAula 02/11/2011 – O ponto

Esta aula foi iniciada informando os alunos que a temática abordada seria – o ponto – que teria uma breve componente teórica e incidiria essencialmente numa componente prática. Esta aula, a cargo do Professor cooperante, contou com a nossa participação activa sempre que necessário. Através de desenhos no quadro o professor foi explicando e respondendo a dúvidas que eram expostas pelos alunos. Seguidamente foi distribuindo a fotocópia do rosto de

cada aluno juntamente com uma folha de papel vegetal. A folha de papel vegetal foi sobreposta à fotocópia. Foi solicitado aos alunos para utilizarem a técnica do pontilhismo, concentrando os pontos nas zonas mais escuras e afastando-os nas zonas mais claras. Enquanto o exercício decorria, deslocava-me pela sala acompanhando os alunos no seu processo, reforçando o que o Professor Luís Silva tinha mencionado. Nos últimos dez minutos o delegado de turma recolheu as capas sem o exercício completo. Foi com grande satisfação que nos fomos apercebendo, no decorrer da aula, que os alunos ansiavam por novas actividades na “Janela e o tempo”. Assim, nos últimos momentos da aula, informamos que iríamos nesse dia colocar uma actividade.

2.1.11.5. - 5º Aula 09/11/2011 continuação da aula anterior

A quinta Aula serviu para continuar o trabalho da anterior e o professor introduziu um novo exercício (APÊNDICE IV).

Enquanto os alunos desenvolviam o exercício, fui fotografando, juntamente com o meu par de estágio, todos os trabalhos já desenvolvidos nas aulas de EDV e os que constavam no diário gráfico, com o objectivo de os colocarmos na gaveta das fotografias onde mais tarde os alunos os poderão ir editar para as suas gavetas da “Janela do Tempo”. Com grande entusiasmo fomos nos apercebendo que a maioria dos alunos concretizou a actividade exposta “Na Janela e o Tempo” que se traduzia no desenho de sapatos.



Figura V (Gaveta de Actividades)

“Desenho de Sapatos”

Escolhe um par de sapatos, de preferência maleáveis e usados. Posiciona um deles à tua frente e ao teu gosto. Observa-o de vários lados. Escolhe uma ou duas posições. Agora, a finalidade é o desenho final, com todos os pormenores, tantos quantos fores capaz de ver e desenhar. Usa o material à tua escolha, podendo ser desde o lápis de carvão, lápis de cor, marcadores, canetas, aguarela, pastéis secos ou outro. É um trabalho exigente mas necessário. Depois de finalizado é só colocares na tua pasta de aluno. Bom trabalho!”

A aula terminou com todos os trabalhos finalizados e informamos os alunos que na próxima aula iríamos abordar a temática: a linha. Exibimos quatro imagens de insectos (ANEXO 6) para a turma escolher o que mais gostava para trabalhar na próxima actividade. Assim o fizeram sendo a escolha a barata.

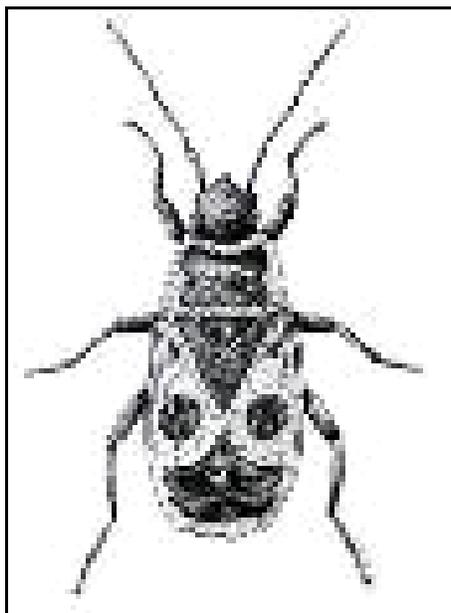


Figura VI (Insecto escolhido)

2.1.11.6. - 6ª Aula 16/11/2011 A Forma e a Proposta I

Esta foi a primeira aula supervisionada e teve como tema: A Forma e a Proposta I (ANEXO 3).

O professor Tomás Ferreira foi-nos apresentado minutos antes da aula e explicámos que eu e o Ricardo Crista iríamos dividir a componente teórica e prática. O Professor Luís Silva e o Professor supervisor ficaram no fundo da sala para uma melhor visualização.

A aula deu início com um diálogo entre nós e os alunos acerca do tema da aula: a linha. Foi exposto um powerpoint, iniciado pelo meu colega de estágio, com a explicação e contextualização dos conteúdos programáticos. O powerpoint foi construído com o intuito de ser interactivo, e assim aconteceu. Dei continuidade com a explicação da actividade (ver CD – ROM ANEXO 7). Esta, consistia em construir o insecto, escolhido na última aula, e amplia-lo para a medida de 2,30 cm X 1,50 cm, através de linhas horizontais, verticais e oblíquas sobrepostas, ou não, conforme o claro e escuro. O material a usar foi *a grafite*. Para que fosse possível a concretização e criar unidade de grupo com a turma, o insecto foi dividido e cada aluno ficaria com uma parcela. Fomos solicitando a participação oral com o intuito de esclarecimento e eventuais dúvidas.

Após a explicação, foi distribuído o enunciado (ANEXO 8) e a folha onde estava delineado o fragmento do insecto correspondente a cada um. Os alunos deram assim, início ao trabalho.

Foi delineado por mim e pelo Ricardo que ficaríamos com determinados espaços da sala para melhor funcionamento, enquanto acompanhávamos os alunos no seu processo de representação. Ao longo da aula, fomos reforçando os conteúdos e esclarecendo dúvidas que iam surgindo.



Figura VII (Fragmentos de “Insecto” realizado pelos alunos)

Os trabalhos foram finalizados conforme se tinha previsto e o delegado de turma recolheu todo o material. Os últimos dez minutos foram destinados ao Quiz de Aprendizagem (ver CD-ROM ANEXO 9), com a intenção de fazer um reforço e balanço da aprendizagem, os alunos manifestaram muito interesse e motivação neste espécie de jogo do certo e errado.

Para a avaliação da prestação dos alunos, foi desenvolvida uma grelha (quadro 2) com os parâmetros de comportamento, participação, criatividade e a realização dos trabalhos propostos.

A aula findou e falámos brevemente com os professores sobre o nosso desempenho.

2.1.11.7. - 7ª Aula 23/11/2011 Montagem

Esta aula foi de componente prática.

No início da aula, solicitei aos alunos que pusessem o diário gráfico, e o abrissem, na página da actividade “Desenhos de Sapatos” em cima da mesa, para que pudesse fotografar, com a intenção de actualizar o site “A Janela e o Tempo”, enquanto o Ricardo recolhia os fragmentos do insecto, já numerados.

Seguidamente organizámos a turma para procedermos à montagem do insecto/barata. O interesse no resultado final foi unânime. Apesar de terem compreendido a actividade, os alunos mostraram-se surpreendidos com o

resultado final, manifestando o seu espanto quando constataram que foi possível todos juntos o conseguirem fazer.



Figura VIII (Trabalho final)

O insecto foi colocado no fundo da sala. Este foi o ponto de partida para introduzir a próxima actividade inserida na temática – A Forma e a Proposta II: *A Metamorfose* de Franz Kafka.

2.1.11.8. - 8^aAula 7/11/2011 A Forma e a Proposta II

Esta foi a segunda aula supervisionada pelo Professor Tomás Ferreira e seguiu a orientação patente na planificação (ANEXO 4).

O Professor Luís, na aula de formação cívica, explorou com os alunos um excerto (APÊNDICE V) do Livro *A Metamorfose* de Franz Kafka, com intenção de os preparar para a aula de EDV e assim, possuírem algum conhecimento sobre o que se iria explorar e simultaneamente contribuindo para uma melhor interdisciplinaridade.

A aula iniciou-se com um breve diálogo entre os alunos sobre o tema a desenvolver. Referimos que iriam dar vida ao insecto construído pela turma através de uma narrativa visual, a banda desenhada, e que para isso, necessitavam de saber como a construir e as suas características básicas.

Comecei por projectar o PowerPoint (ver CD-ROM ANEXO 10), ir explicando e sugerindo opiniões dado a interactividade deste.

Antecipadamente, foi seleccionado uma animação sobre *A Metamorfose* e repartida em três (Ver CD-ROM APÊNDICE VI; VII; VIII). O meu colega de estágio deu continuidade à vertente teórica e foi iniciado o visionamento da primeira parte da animação.

Informei os alunos que o exercício (ANEXO 11) seria a continuação, da animação, numa tira ou prancha (ANEXO 12), e Banda desenhada. Foi solicitado aos alunos, a sua participação, colocando dúvidas e exprimindo as suas interpretações e ideias. Foi sentido o entusiasmo e a criatividade para dar forma ao insecto/barata colocado no fundo da sala.

Após esclarecidas as dúvidas, distribui o enunciado da actividade e expliquei como se iria proceder esclarecendo as questões colocadas. Os alunos deram início à vertente prática da aula. Os trabalhos começaram a surgir, enquanto eu e o Ricardo nos deslocávamos na sala e acompanhando-os neste processo.

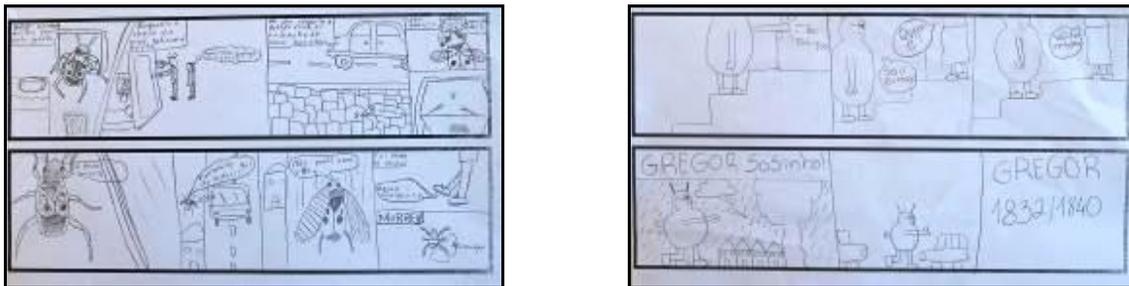


Figura IX (Exercícios Banda Desenhada)

Nos últimos dez minutos, após o material arrumado, foi feito o balanço da aula. O retorno, por parte dos alunos, foi muito positivo terminando o que foi solicitado. Concluída a aula, falámos brevemente com os Professores que nos deram algumas opiniões positivas.

2.1.11.9. - 9ª Aula 14/11/2011

Esta foi a última aula da primeira fase do estágio pedagógico. A aula iniciou-se com um breve diálogo com os alunos, onde foi comunicado que todos os recursos dados na aula anterior já se encontravam no site “A Janela e o Tempo” para consulta.

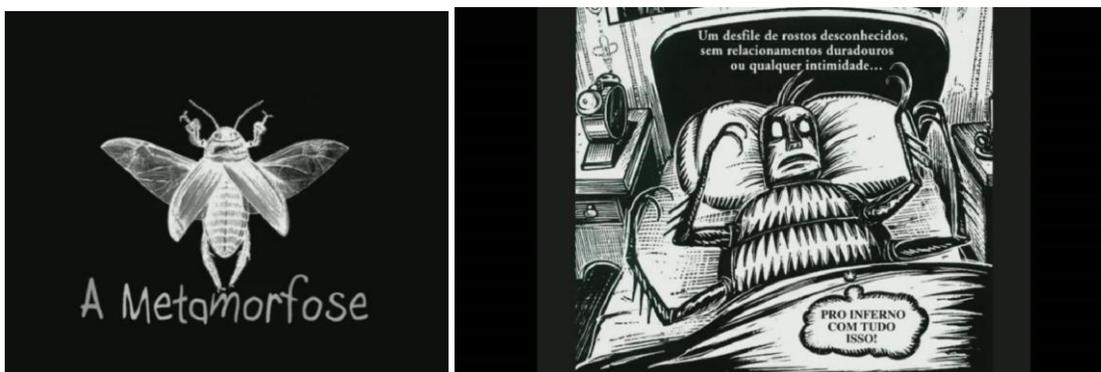


Figura X (Snapshot do filme)



Figura XI (Banda Desenhada)

Foi distribuído o material, e os alunos deram cor à Banda Desenhada, terminando, assim, o módulo A Forma e a Proposta II.

No final da aula foi feito o balanço das aulas leccionadas com os alunos. Foi mútuo o sentimento de satisfação por parte dos professores e alunos.

2.1.12. Reflexão crítica das aulas

Relativamente às aulas leccionadas na Escola Cunha Rivara, penso que de uma forma geral foi bastante razoável. O facto de ter tido bastante empatia com os alunos, Professor cooperante e colega de estágio foi uma ajuda muito positiva e que contribuiu significativamente para a dinâmica dentro da sala de aula.

Durante o estágio mantive sempre uma linguagem simples e objectiva com os alunos. Senti grande satisfação, pois consegui responder sempre às dúvidas colocadas tentando ajudar quando necessário e foi enriquecedor perceber que as minhas sugestões foram tidas em consideração. Outro dos pontos fortes, foi o facto de conseguir cumprir com os objectivos propostos nas planificações. Senti que passei entusiasmo e motivação para a concretização dos seus trabalhos.

No início do estágio fomos alertados, pelo Professor Cooperante, para não desvendarmos o facto de eu e o Ricardo sermos um casal. Apesar de no início sentirmos alguma dificuldade, depressa nos habituamos a tratarmo-nos por Professores dentro da sala de aula.

Quanto à aluna *Irene*, o facto de eu e o meu par de estágio termos desenvolvido um projecto para a auxiliar nas suas dificuldades de aprendizagem, mais especificamente em Educação Visual, fez-me reforçar o facto do professor ter um papel fundamental no desenvolvimento dos alunos e que pode ter grande influência sobre eles.

A minha maior dificuldade, principalmente nas primeiras aulas, foi saber a minha posição enquanto estagiária. Se por um lado não queria prevalecer em relação ao Professor, por outro, não gostava que os alunos me vissem com menos

autoridade. O Professor Luís foi sempre muito atencioso e ajudou-me a ultrapassar esta situação constrangedora.

Senti algumas dificuldades com a gestão do tempo, apesar de ter sempre cumprido com este. Outra dificuldade sentida deveu-se ao facto de não termos conseguido criar interdisciplinaridade como tínhamos previsto para o site criado. Apesar de nos disponibilizarmos, não houve interesse por parte dos docentes das outras disciplinas.

Com estas aulas fui-me apercebendo que a entoação é um elemento de grande relevância, pois para além de ser crucial na transmissão de conteúdos, é através desta que o aluno reconhece o que o professor pretende transmitir.

Em relação ao comportamento da turma, todos cumpriram as regras de sala de aula contribuindo assim para um bom ambiente.

O professor cooperante e o Professor que supervisionou as aulas deram um *feedback* positivo à forma como me relatei com os alunos.

Em suma, criei um bom relacionamento com todos, esforcei-me para esclarecer todas as dúvidas, ajudei os alunos sempre que solicitado e quando demonstravam dificuldades. A turma transpareceu interesse nas aulas e realizaram as propostas solicitadas de forma criativa.

Finalizando, penso que tenho muito para aprender, e que a experiência poderá ser essencial para poder melhorar o meu desempenho na leccionação.

2.1.13. Avaliação em Educação Visual

A avaliação em EDV é contínua e formativa, sucedendo-se em cada etapa de desenvolvimento da actividade. A avaliação sumativa (quadro 1) incidiu de forma individualizada e segundo os critérios definidos para cada unidade. Foi desenvolvida pelo professor titular uma ficha de auto-avaliação na qual constava a nota de cada aluno. Este processo tem por base um diálogo com os alunos onde contempla espaço para o aluno se poder justificar.

No que conta às aptidões, capacidades e conhecimentos, os trabalhos somam a parcela de 50% e os testes de 20%, no entanto, as unidades didácticas que desenvolvemos não contemplavam exames, conseqüentemente, os trabalhos somaram o total de 70%.

A avaliação formativa (quadro 2) ocorre diariamente e serve de suporte à avaliação sumativa no final de cada Período.

No que diz respeito do *saber*, inclui-se a aquisição de conceitos e compreensão de conhecimentos. É ainda incluído a percepção que está intimamente ligada a sensibilidades das qualidades formais, expressivas e físicas dos objectos.

Relativamente ao *saber fazer*, a avaliação visa o método de processo, a capacidade de análise das situações e sensibilidade dos problemas; relevância e quantidade dos dados de informação recolhida e produzida; o uso adequado dos recursos; qualidade dos projectos desenvolvidos e trabalhos de iniciativa própria.

É ainda, avaliada a técnica, segundo o domínio e a utilização adequada dos materiais.

Finalizando, a expressão e a criatividade são avaliados em função da qualidade das actividades práticas produzidas, e de acordo com o projecto inicial, bem como, a criatividade na apresentação de soluções originais e alternativas.

Domínios de Aprendizagem					
No domínio das aptidões/Capacidades e Conhecimentos	Trabalhos	Capacidade de compreensão e execução das tarefas.	10%	50%	70%
		Conhecimento dos conceitos básicos e conteúdos associados à tarefa.	10%		
		Utilização e aplicação dos materiais e técnicas adequadas.	15%		
		Criatividade no desenvolvimento dos trabalhos propostos.	15%		
	Testes	20%			
No domínio das Atitudes e Valores	Participação / Interesse		6%	30%	
	Assiduidade / Pontualidade		6%		
	Caderno diário		2%		
	Autonomia		5%		
	Material		5%		
	Comportamento		6%		

Quadro 1 (Avaliação Sumativa)

Grelha de Avaliação					Turma: 7ºD											
Módulo:																
Conteúdos Programáticos:									Áreas de exploração:							
Comunicação Visual:																
	Comportamento				Participação				Criatividade				Realiz.Exerc.Proposto			
	NS	S	SB	EX	NS	S	SB	EX	NS	S	SB	EX	NS	S	SB	EX
NOME																

Quadro 2 (Avaliação Formativa)

2.2 SEGUNDA FASE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

2.2.1 Introdução

A segunda fase da prática de Ensino Supervisionada procedeu-se na Escola Secundária Rainha Santa Isabel, situada em Estremoz. Iniciou-se a 9 de Fevereiro e finalizou a 3 de Maio de 2011 sendo o par do núcleo de estágio constituído por Rita Melo e Ricardo Crista.

2.2.2 Caracterização da Escola

A presente Escola é denominada por “ Escola Secundária Rainha Santa Isabel”, localiza-se no centro de Estremoz na Rua Prof. Egas Moniz. A cor actual do edifício da Escola é o branco. O logótipo apresentado pela escola e que deve ser utilizado em todos os Documentos oficiais é o seguinte:



Figura XII (Logótipo da Escola Rainha Santa Isabel)

2.2.3 Dados Históricos

A Escola Rainha Santa Isabel de Estremoz oferece um Ensino Público e está inserida num dos principais eixos de ligação da área metropolitana de Lisboa e Madrid, sendo sede de concelho com uma área de 513,8 km². Em 1930 nasceu o estabelecimento sendo-lhe atribuída a designação oficial de Escola Industrial António Augusto Gonçalves.

Em 1952, A Escola é transferida provisoriamente para o antigo Palácio Real do Castelo. No ano de 1964 terminaram as obras e abriram-se as portas de um novo edifício escolar construído de raiz para o efeito. O número de alunos matriculados era de seiscentos e cinquenta.

Entre 1974 e 1975, a escola altera, mais uma vez, a sua designação para Escola Secundária de Estremoz. Onze anos depois o número de alunos ultrapassava os mil e quatrocentos.

Em 1987 define-se uma nova designação, e passa a ser Escola Rainha Santa Isabel. A gestão Flexível de Currículo é implementada no ano de 2001, tornando-se assim, a primeira escola da Direcção Regional de Educação do Alentejo com esta nova modalidade curricular.

Em 2003/2004 foi implementado o projecto TurmaMais com o objectivo de reduzir de o insucesso escolar e conseguiram de 38% para 16%, este projecto foi posteriormente implantado em sessenta e seis escolas do país.

Em 2005/2006 a escola sofreu uma ampliação na sua estrutura.

No ano 2009 /20110 a Escola Rainha Santa Isabel foi alvo de um processo de requalificação através da empresa Parque Escolar.

2.2.4 Alunos e docentes

Na presente Escola estudam cerca de 826 alunos¹², distribuídos pelo ensino diurno e nocturno. No ensino diurno fazem parte o ensino básico e o ensino secundário os cursos científico-humanísticos e cursos profissionais. No ensino nocturno fazem parte os cursos de Educação e Formação de adultos (EFA).

Segundo o que consta no Projecto Educativo, estão ao serviço da Escola cento e vinte e cinco professores dos quais, cento e um pertencem ao quadro de nomeação definitiva de escola. Prestam serviço na escola, para além de duas técnicas superiores, com funções na área dos Serviços de Psicologia e Orientação, doze Assistentes Técnicos e trinta Assistentes Operacionais.

¹² Informação que consta projecto educativo

2.2.5 Serviços e Espaços

Os serviços e espaços que a Escola dispõe são os seguintes:

Serviços: Concelho Executivo; Secretaria, Reprografia, Biblioteca, Refeitório, Bar, sala de atendimento a Encarregados de Educação; PESES; Serviços administrativos; Clube e projectos; Associação de Estudantes;

Salas específicas: Polidesportivo Coberto; dois campos de jogos exteriores; Ginásio; Espaço Memória; sala de Directores de Turma; sala de professores; sala de pessoal não docente; sala de convívio; três salas de Artes; sala de Teatro, três salas de TIC; sala de AOS; dez salas de departamentos e sub departamentos, trinta salas de aula, quatro salas IEFP.

Laboratórios: de Viticultura, Física, Química e Biologia.

Outras salas: Auditório

11.2.5horário de funcionamento

A Escola funciona todos os dias úteis da semana e o seu horário de funcionamento divide-se em dois regimes: o diurno que comporta a manhã e a tarde e o regime nocturno. Os horários forma estipulados, tendo em conta a necessidade de articular os interesses dos alunos e as exigências curriculares.

Período da manhã: das 08:30 às 13:45

Período da tarde: 13:50 às 17:10

Período da noite: 19:00 às 00:00

2.2.6.Caracterização da disciplina de Desenho

“Desenho é forma universal de conhecer e comunicar. Integrando as áreas do saber, actua na aquisição e na produção de conhecimento: traduz-se em mapas, esquemas, espécimes; concretiza planos, antecipa objectos, interroga-nos sob a forma de testemunho artístico. Nas suas variantes, vive, e faz criar, quer como

*testemunho de um passado, quer como intermediário do futuro. É a área estruturadora de muitas outras áreas de exercício profissional, que nela se baseiam ou que do seu exercício partem.”*¹³

Pertencendo ao curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, a disciplina de Desenho A, insere-se na formação do 10º, 11º e 12º ano, com a carga horária semanal de 90 + 90+135 minutos nos três anos lectivos. O plano curricular de Desenho encontra-se dividido em dois planos. O primeiro programa equivale ao 10º ano, onde encontramos as finalidades, os objectivos, os conteúdos e temas, sugestões metodológicas, competências a serem desenvolvidas, recursos e a avaliação. Correspondente ao 11º e 12º ano, o segundo programa, inclui os conteúdos e sugestões metodológicas. Nos dois programas encontram-se sugestões bibliográficas e estratégias a serem exploradas nas aulas.

Os objectivos gerais da disciplina de Desenho, pretendem potenciar a comunicação, o domínio e a percepção do desenho de forma eficaz e expressiva, simultaneamente promover o aluno a comunicar, perceber, dominar o desenho de forma produtiva, utilizando materiais expressivos.

Cinco conteúdos programáticos estão inseridos na disciplina de Desenho do 12º ano, designadamente: materiais, procedimentos, sintaxe e sentido. Esta disciplina deve incluir actividades com vários materiais e técnicas encaminhando o aluno a ampliar o domínio do desenho. O professor deverá reforçar o aprofundamento e sensibilização dos conteúdos, tendo noção que os alunos já têm conhecimentos relativos aos abordados em anos lectivos anteriores.

Por meio da disciplina de Desenho, deve-se potenciar o conhecimento na sua plenitude, permitindo a exploração a vários níveis. Será necessário proporcionar aos alunos o gosto pelo desenho e fomentar o espírito crítico, tornando-se uma prática construtiva e consciente.

¹³ Ramos, Artur, Queiroz, João Paulo, Barros, Sofia Namora, et al. Programa de Desenho A 10º Ano-Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, Ministério da Educação Departamento do Ensino Secundário, 2001, p.3.

2.2.7 Caracterização da sala de Desenho

A sala determinada para a disciplina de Desenho A fica situada no rés-do-chão do edifício, perto do Bar, com uma área aproximadamente de 25m X 15m. Esta sala está dividida em duas áreas. A área mais pequena fica situada ao fundo da sala e destina-se para trabalhos mais plásticos como a modelagem, escultura e secagem de trabalhos em processo de criação. Nesta zona, estão alguns materiais como cartões, manequins, esculturas, papel de cenário e outros materiais que a professora e os alunos vão depositando. A outra zona, de uma área próxima dos 20m X 15 m, é onde, normalmente, decorrem as aulas de desenho. Este espaço está equipado com estiradores articulados, bancos reguladores, quadro, videoprojector, computador com ligação à Internet, três armários para guardar material e um quadro de cortiça para fixar os trabalhos. A sala é bastante agradável com muita entrada de luz. No entanto, os professores apontaram algumas carências que foram notando ao longo das aulas, como a dificuldade em visualizar as projecções devido não haver forma de a sala ficar escura e os estiradores serem muito baixos proporcionando nos alunos posições incorrectas.

2.2.8 Caracterização da turma Desenho12º F

Através da ficha síntese (APÊNDICE IX) elaborada pelo professor constatei que a turma de Desenho do Curso de Artes Visuais é constituída por 23 alunos com idades entre os 16 e 18 anos, sendo 19 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, sendo provenientes de classes socioeconómicas diversificadas. De uma forma geral aparentam ter uma vida familiar estável dado que na totalidade habitam com ambos os pais e apenas duas mães e um pai estão actualmente desempregados.

A turma aponta grande desmotivação e falta de assiduidade, no entanto, aderem frequentemente bem aos desafios que lhes são propostos. É habitual haver um bom ambiente de trabalho, com bom comportamento contribuindo e facilitando a aprendizagem.

A maioria dos alunos não têm perspectivas após a conclusão do secundário e apenas oito pretende seguir os estudos, sete dos quais na área de Design e um para Engenharia Civil. Sucederam-se quatro retenções no percurso escolar nos anos 2º,4º,9º 10º ano. A disciplina de Desenho é a referida por 18 alunos como a preferida e com maiores dificuldades é apontada por oito alunos a disciplina de Matemática B. Existem dez alunos com a disciplina de Matemática B em atraso, três a Geometria Descritiva A e três a História da Cultura e das Artes.

Não há conhecimento de alunos desta turma a serem acompanhados nem com dificuldades de saúde diagnosticada.

2.2.9. Acção didáctica

A partir dos conteúdos e das competências definidas no programa da disciplina de Desenho A, assim como das planificações da Professora titular (APÊNDICE X), foram desenvolvidas as planificações diárias mais detalhadas que constituíram um guião fundamental para a leccionação das aulas.

Diário Gráfico “ Olhar é diferente de ver I”

De uma forma transversal às aulas, a Professora titular solicitou aos alunos a elaboração de exercícios para a construção de um diário gráfico. No entanto, comunicou-nos que estes estavam muito desmotivados e que não colaboravam. Com o intuito de os auxiliar e motivar, foi criado um site com várias actividades para dinamizar o diário gráfico. O Diário gráfico é um instrumento crucial, dado que funciona como um complemento extra aos módulos realizados nas aulas, abrangendo conteúdos e temas do programa e dando possibilidade de utilizar técnicas, materiais e temas diversificados. A utilização de um caderno portátil é um instrumento de trabalho tão importante para artistas plásticos, assim como para pessoas das mais variadas áreas, que têm o hábito de desenhar com frequência, será com certeza também de grande utilidade para os alunos, vocacionados para as áreas das artes visuais, tornando-os mais atentos, mais observadores, com mais vontade de experimentar e com mais gosto pelo registo

sistemático do seu quotidiano. Os alunos podem explorar dois tipos de actividades patentes no programa da disciplina, os desenhos de análise e desenhos de transformação gráfica. No site www.desenho12.weebly.com/, encontram-se várias propostas, recursos de desenho *on-line*, e uma gaveta destinada aos blogues de cada aluno.

Este projecto visou um processo de ensino e aprendizagem que significou educar dentro de um contexto comunicacional participativo, interactivo, vivencial e no qual as TIC proporcionam interacções mais amplas, que combinam o presencial e o virtual. Foi também uma vontade, aliar o tradicional com o virtual. Neste caso, o diário gráfico com o blogue pessoal. Existem várias formas de usar o *diário gráfico*. A forma como propusemos, consistiu na transposição do registo para um blogue individual. O blogue tem características idênticas a um diário, o facto de ser organizado cronologicamente é uma delas. Os alunos foram desafiados com actividades sugeridas pelo núcleo de estágio. Indicámos simples sugestões, mas sem nunca deixar de estimular o seu uso como diário pessoal. Os blogues são formas de ensinar e aprender, muito ricas tanto para o professor como para o aluno. Recicla ambos, actualiza, instiga a curiosidade, a pesquisa e a aprendizagem, além de ser uma forma de comunicação entre alunos, professores e família. É um instrumento para ensinar e aprender, e uma forma de intercâmbio de conhecimentos e publicação de seus conhecimentos construídos e produzidos.

A aula teve como guião a planificação (ANEXO 13) elaborada pelo núcleo de estágio. Os conteúdos e temas abordados foram os materiais, procedimentos e sintaxe. Os recursos didácticos utilizados consistiram no site com diversas actividades e recursos digitais, um powerpoint (ver CD-ROM ANEXO 14) construído com várias imagens de diários gráficos de artistas e de alunos da escola António Arroio e dos Soares dos Reis e os respectivos computadores para cada aluno criar o seu blogue.

2.2.9.2 Módulo – Olhar é diferente de ver II

Este módulo consistiu na elaboração de uma série de exercícios de preparação de desenho, com objectivos diferentes. Estes exercícios caracterizaram-se por:

- Desenho de memória de um modelo, utilizando lápis de grafite. Para este exercício foram estipulados quinze minutos;
- Desenho de dez minutos do contorno da linha do modelo, utilizando a caneta preta;
- Conjunto de exercícios de traçado de linhas: o primeiro traduziu-se em círculos com o mesmo centro numa folha A3 e traçados de linhas rectas nas diagonais de uma folha A3;
- Desenho de interpretação expressiva do modelo, onde se pretendia explorar o traço para obtenção de volumes e formas. Para este exercício houve um tempo de vinte e cinco minutos.

O objectivo destes exercícios está associado à desconstrução das ideias pré-concebidas relativas ao desenho e com o desprendimento dos vícios inerentes à sua construção. Acontece, regularmente, os alunos condicionarem bastante a *construção* de um desenho devido ao seu medo de errar. Consequentemente o desenho apresenta-se relativamente *preso* e com um tipo de traço interrompido.

Este módulo pretendia precisamente o abandono desses estereótipos, estimulando-os para soltarem o traço e aceitarem o erro como um processo do desenho. Os exercícios apresentados previam trabalhar a postura e o domínio do gesto. Pretendeu-se também exercitar a velocidade de execução, para isso o tempo foi estipulado para a realização das actividades, visando o desprendimento face ao desenho.

A aula seguiu o que foi estipulado na planificação (ANEXO 15) e teve como recursos didácticos um powerpoint inicial onde se podia visualizar os desenhos dos vários exercícios (ver CD-ROM ANEXO 16).

No que conta a avaliação (ANEXO 17), esta foi dividida em dois pontos: uma avaliação global dos desenhos expressivos e do seu processo, e outro sobre o resultado de interpretação expressiva das formas. Para o desenho de memória, de contorno e traço expressivo a avaliação incide sobre o processo e envolvimento nos exercícios assim como, a exploração do gesto e seus meios riscadores. No que conta ao exercício de interpretação a avaliação visou o enquadramento do desenho, a exploração do lápis de grafite e intensidade do traço, mancha e volume.

2.2.10 Descrição sumária das aulas

Durante a segunda fase do ensino supervisionado foi observada 1 aula e leccionadas 8 aulas de 90 minutos à turma 12^{of}, consoante os objectivos das planificações. Serão descritas as aulas e reuniões com o professor de acordo com o que foi vivenciado e supervisionado.

2.2.10.1. Primeiro Contacto 17/02/2012

No primeiro encontro com o Professor Cooperante, Domingos Isabelinho, analisámos as possibilidades de qual a turma e disciplina a leccionar, devido ao horário não ser compatível com o nosso emprego. O professor cooperante deu-nos a mesma alternativa que aos estagiários do semestre anterior e, em conjunto, optou-se por escolher a turma de Desenho A do 12^o Ano. A Professora Titular, Ana, disponibilizou-se de imediato em ceder a sua turma e ficou acordado, o Professor Isabelinho assistir a todas as aulas do estágio. Após a reunião, foi-nos apresentada a turma que preparava elementos de festejo para a Festa do Patrono em Estremoz.

Seguidamente fez-se uma visita pela escola e foi-nos apresentado o director da mesma. O director, José Carlos Salema, solicitou-nos, de imediato, colaboração para a Feira das Escolas. Explicou-nos que era um momento crucial para todas as Escolas apresentarem à comunidade o trabalho que desenvolvem e atrair

novos alunos para o próximo ano lectivo. Ficámos a conhecer a Professora Vanda, da direcção da escola, que ficou incumbida de nos orientar na organização da Feira das Escolas.

Por fim, passámos no Gabinete Educativo e solicitámos o Plano da Escola para prosseguirmos com a caracterização da Escola.

2.2.10.2. Festa do Patrono 23/02/2012

Para este dia estava destinado a nossa primeira aula de observação da turma 12º F Desenho, chegámos à escola às 8h20m, após uma viagem de 200km, e foi-nos informado que não iria haver aula devida ser “A Festa do Patrono”.

Dirigimo-nos à direcção para falar com a Professora Vanda com o intuito de começarmos a trabalhar e organizar a Feira das Escolas. Prestavelmente forneceu-nos todas as informações como:

- A planta do espaço, com a implementação do espaço a intervir, de 9mx9m
- Informação sobre os cursos já existentes e os que iriam abrir para o próximo ano lectivo.

Solicitou-nos:

- Actualização do livro da Escola com os novos cursos, novas fotos, correcção do novo acordo ortográfico e nova imagem gráfica;
- Uma planta em 3d do stand com a organização do espaço;
- Três painéis de 3mx2m com a informação dos novos cursos, oferta formativa e algo que quiséssemos acrescentar;
- Um espaço destinado às artes Plásticas com os trabalhos seleccionados por nós;
- Um espaço para o novo curso de Secretariado;
- Construção de um circuito para o curso de robótica;

Disponibilizou-se para requerer todo o material que achássemos necessário para uma boa concretização do Stand. Antes de deixarmos a Escola passámos no Gabinete educativo para levantar a pasta da caracterização da Escola que não se encontrava disponível.

2.2.10.3 Aula de Observação 01/03/2012

No início da aula a Professora forneceu-nos os materiais, e sentámo-nos, juntamente com o professor Domingos Isabelinho, no fundo da sala para não perturbarmos a aula e observarmos com maior amplitude o decorrer desta. A Professora projectou um exame nacional no quadro e foi lendo os exercícios com os alunos. Contactámos grande dificuldade de interpretação dos enunciados e a professora foi esclarecendo as dúvidas. A turma passou à parte prática executando os exercícios. A professora deslocou-se pela sala para ir acompanhando e aconselhando sempre que necessário. A turma, teve um comportamento tranquilo, no entanto, pouco interventivo como já nos tinha sido alertado pela professora titular.

Finalizada a aula, eu e o Ricardo dirigimo-nos aos espaços da escola que possuíam trabalhos de alunos, para fazermos a selecção destes, com a finalidade de os expor no Stand da Feira das Escolas. Feita a escolha, dirigimo-nos, mais uma vez, ao Gabinete educativo que ainda não tinha disponível a caracterização da escola.

2.2.10.4. Organização da Feira das Escolas 08/03/2012 a 21/03/2012

Durante o período de 8 a 21 de Fevereiro, estivemos a organizar A Feira das Escolas. Procedemos à elaboração do que nos foi solicitado e, para isso, mantivemos o contacto diário com a direcção através de e-mail e telemóvel para, em sintonia, materializarmos o projecto. Houve necessidade de nos adaptarmos aos imprevistos que iam surgindo e necessidade de os resolver. Tudo o que nos foi solicitado foi concebido, desde a nova imagem gráfica, o livro com explicação

da escola e respectiva oferta formativa (ver CD-ROM ANEXO 18), três painéis de 3m (figura XIV e XV) a concepção e organização do espaço em planta (figura XVI) e 3D (figura XVII) e, ainda, a construção de um circuito robótico com as características específicas que mais tarde transportámos de carro de Setúbal para Estremoz.



Figura XIII (Capa de Livro de Oferta formativa)



Figura XIV (Painéis para Feira de Escolas)



Figura XV (Painéis para Feira de Escolas)

Senti realização ao perceber que a direcção ficou satisfeita com o nosso desempenho e com o resultado.

2.2.10.5. Feira da Escola 22/03/2012

Às 9h entrámos no Centro de Exposições de Estremoz onde estavam os vários stands representantes das escolas do concelho de Estremoz. Conforme a planta em 3D que tínhamos projectado, demos início à montagem.

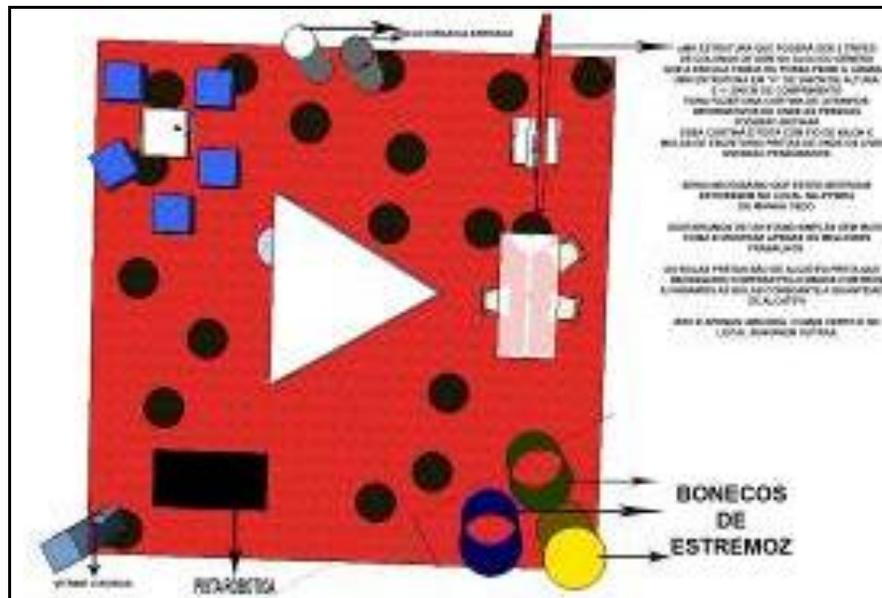


Figura XVI (Projecto 3D de espaço de feira)



Figura XVII (Vistas 3D de projecto feira de escolas)

A montagem foi iniciada pela colocação dos três painéis de três metros em forma de triângulo e, posteriormente às áreas correspondentes da robótica, secretariado, artes plásticas e repouso. Foram distribuídos os objectos, mobiliário e obras dos alunos. No local, houve necessidade de pequenas alterações para uma melhor visualização e sentido.



Figura XVIII (Feira de escolas)



Figura XIX (Feira de escolas)

Por volta das 17h, o stand ficou terminado e o Director da Escola dirigiu-se ao local para visualizar o resultado. Mostrou bastante agrado com todo o processo e efeito final. Sendo assim, solicitou-nos, mais uma vez, a colaboração para um painel de 9m X 3m a ser colocado em frente à Escola Rainha Santa Isabel. Explicou que havia bastante urgência, pois a avaliação da Escola iria ser na primeira semana depois da Páscoa, e tinham interesse de fixar a lona antes dessa data. Ficou acordado que iríamos fazer.

2.2.10.6. Interrupção Lectiva 23 /03/2012 a 08/04/2012

Durante o período de interrupção lectiva, eu e o Ricardo, trabalhamos em conjunto para a lona requerida pela direcção. Mantivemos a mesma imagem gráfica, mas foram introduzidos novos dados. Ao longo da semana tivemos de ir fazendo alguns ajustes que foram surgindo, como mudar uma fotografia de uma aluna que não queria aparecer, transferir logótipos, entre outros acertos já habituais. Houve alguma dificuldade em enviar a imagem devido ao peso do ficheiro mas através do *yousendit* foi possível (figura XX).



Figura XX (Projecto Painel Publicitário)



Figura XXI (resultado final)

E, mais uma vez, recebemos os agradecimentos da direcção que se mostrou satisfeita com o resultado.

Dado o tempo disposto no apoio à direcção, não nos foi possível leccionar mais aulas. Assim, fizemos uma proposta ao Professor Isabelinho e Professora Ana que consistia, na criação de um site no *weebly* com recursos digitais para auxiliar a temática – Diário Gráfico – desenvolvido na disciplina de Desenho. A resposta foi positiva e iniciámos a construção neste período não lectivo.

2.2.10.7. Primeira aula 12/03/2012

Para a primeira aula, foi requisitada a sala de informática. A Professora Ana e o Professor Isabelinho encaminharam-nos para o local e ficaram a assistir com a planificação (ANEXO 13). Introduzi a aula com um breve diálogo com os alunos sobre a temática a desenvolver: o diário gráfico. Expliquei que criámos um site para a turma de desenho, munido de recursos digitais com a finalidade de os auxiliar e propor actividades para o diário gráfico, de forma a motivá-los a realizarem desenho sistemático para além das aulas. Pedi para me mostrarem o seu diário, no entanto, ninguém o tinha. Constatámos que não lhe davam uso, como já nos tinha sido referido pela professora titular.

Iniciei a projecção do site¹⁴ que foi criado, e fui explicando todos os recursos digitais e actividades criadas.



Figura XXII (Gavetas de www.desenho12.weebly.com)

¹⁴ www.desenho12.weebly.com

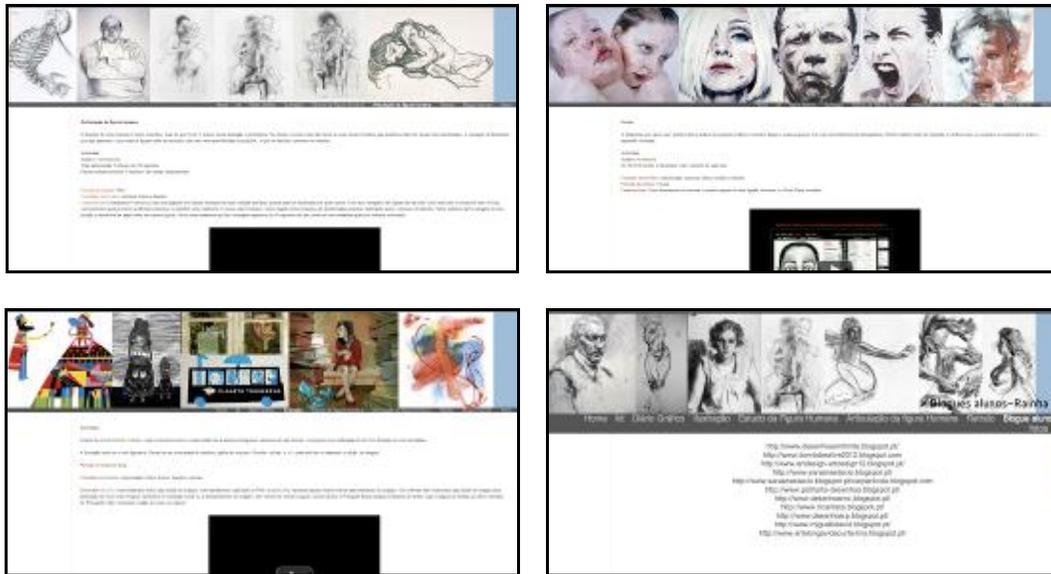


Figura XXIII (Gavetas de www.desenho12.weebly.com)

O Ricardo continuou a visita *on-line*, dando uma maior atenção à gaveta “Diário Gráfico” e à construção do blogue pessoal, onde iriam ter de colocar uma imagem, seleccionada por eles, uma vez por semana. Alertou que sempre que se coloca uma imagem no blogue a data fica registada, sendo organizado de forma cronológica. Foi solicitada a participação oral para esclarecimento de dúvidas e ideias que quisessem expor.



Figura XXIV (Gaveta de Diário Gráfico)

A turma ficou entusiasmada e começaram a criar o blogue. Ao longo da aula, fomos dando alguns concelhos como ideias de desenhos e materiais, conceitos, explicámos que sendo uma página pública teriam de ter uma selecção específica e darem o seu melhor. Fomos apoiando este processo e resolvendo os problemas que iam surgindo.

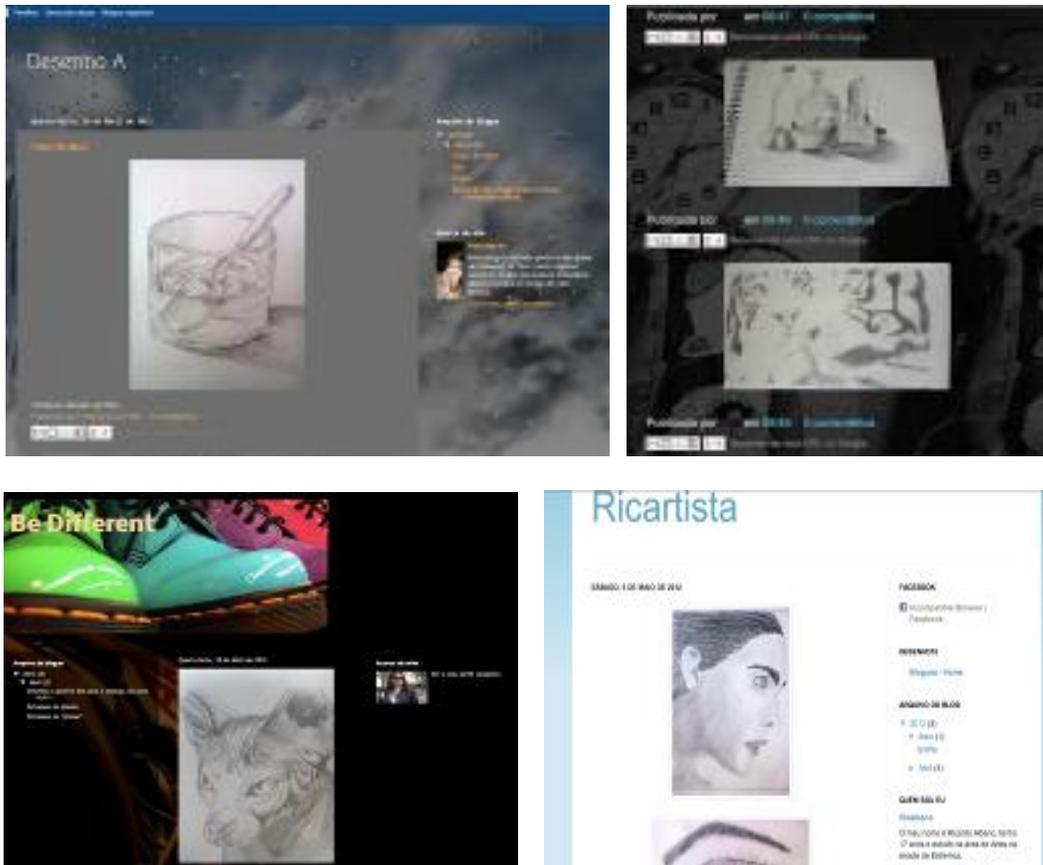


Figura XXV (Blogues de alunos)

Nos últimos dez minutos, foi projectado o powerpoint (Ver CD-ROM ANEXO 14), sobre o diário gráfico, com exemplos visuais do que poderiam desenvolver. A turma mostrou-se entusiasmada e a aula deu-se por terminada. No final trocámos algumas impressões com os professores que nos pareceram positivas.

2.2.10.7. 26 de Abril de 2012

Para este dia, foi proposto ao professor cooperante darmos uma aula, assistirmos à mesma ou termos uma reunião com ele para avaliarmos o nosso desempenho. O professor Isabelinho mostrou-se mais entusiasmado com a terceira opção, pois pareceu-lhe mais rentável. Assim o fizemos. Começou por nos comunicar que em geral a nossa prestação foi bastante positiva. No entanto, alertou-nos para o facto da aula se ter atrasado uns 5 minutos, mas compreendia que se devia ao facto de termos transferido de sala. Acrescentou ainda, aos pontos menos positivos, que deveríamos ter repreendido dois alunos que chegaram depois do toque de entrada. Os pontos fortes da aula estavam patentes nos recursos digitais que criámos a sua originalidade e criatividade. Elogiou a nossa acção a apresentar o tema e seu desenvolvimento. Quanto ao desenrolar da aula, verificou que surgiram algumas dificuldades nos alunos e que foram ultrapassados de uma forma satisfatória.

Após a conversa sobre o nosso desempenho, demos a conhecer as nossas planificações e recursos para a seguinte aula que seria supervisionado pelo Professor Tomás Ferreira. Concordou com o que apresentámos, no entanto, explicou-nos que, dado que nunca leccionou a disciplina de desenho, não possuía muito conhecimento sobre o programa e aconselhou-nos a falar com a professora titular. Dirigimo-nos, assim, à sala de Desenho e, após uma breve conversa, a professora concordou com as planificações.

2.2.10.8. Aula Supervisionada, 3 de Maio

Às cinco da manhã toca o despertador. Rumo a Estremoz.

A aula iniciou-se com um breve diálogo e expliquei genericamente o tema a abordar: exploração de recursos expressivos. Seguidamente foi projectado um powerpoint (Ver CD-ROM ANEXO 16) sobre o desenho de memória, desenho cego e desenho expressivo acompanhado de alguns exemplos. Foi distribuído o enunciado dos exercícios a explorar nesta aula (ANEXO 19). Para o primeiro

exercício, foram dados cinco minutos para observação das formas, das proporções, densidades e da incidência da luz do modelo escolhido. Terminado o tempo, foi retirado o modelo e os alunos iniciaram o exercício com lápis de grafite. Enquanto executavam o exercício, os alunos iam comentando que já se tinham esquecido da forma do modelo.

De uma forma geral, os alunos conseguiram captar as formas essenciais do modelo, mas alguns tiveram dificuldades em lembrarem-se das formas, principalmente pelo motivo de falta de concentração e percebendo que “ver” é diferente de “olhar”. Em alguns desenhos, apesar de terem algumas falhas, tornaram-se interessantes e realistas, pois conseguiram inventar as formas e obedecer ao factor expressivo do desenho. Revelando-se, assim, que alguns dos alunos já têm noção das proporções e do claro/escuro e alguma capacidade de criar formas das quais não estão directamente a ver. Depois de terminarem o desenho, foi colocado novamente o modelo no mesmo sítio. Os alunos mostraram-se surpresos com o resultado e verificaram as falhas no seu desenho.

Seguidamente passou-se para o segundo exercício: o desenho de contorno. Foi solicitado uma folha A3 e caneta preta. Os alunos à mediada que olhavam para o modelo, a caneta ia riscando na folha sem nunca olharem para esta. Sempre que o faziam recomeçavam novamente.



Figura XXVI (Aula Supervisionada)

A maioria demonstrou muitas dificuldades e iam comentando que estava tudo mal. Senti que os alunos não estavam a conseguir ter um desprendimento e perceber aquele exercício enquanto processo e não, enquanto trabalho final.

Passou-se para uma série de dois exercícios de traçado de linhas em folhas A3, ambos com objectivos semelhantes. Foi assim, solicitado que desenhassem círculos concêntricos, através da repetição sucessiva de movimentos contínuos, com o lápis de dureza F e perpendicular à folha.



Figura XXVII (Aula Supervisionada)

No decorrer do exercício os movimentos dos lápis a riscarem fez-se ouvir, tornando-se bastante interessante. Com o mesmo objectivo, numa nova folha, os alunos traçaram rectas na diagonal da folha com dinâmica e confiança. Sentiu-se motivação nos alunos ao experimentarem novos modelos de sensibilização para o desenho e corresponderam muito bem.

O quarto exercício, surge para por em prática os anteriores. Consistia em realizar um desenho expressivo das formas do modelo, através da exploração do traço. Os alunos iniciaram o exercício e corresponderam de uma forma razoável, havendo alguns com muita dificuldade em soltarem o traço. No decorrer, de forma a intensificar o solicitado, impedi a utilização da borracha e ia reforçando a vontade de ouvir os lápis a riscar, para terem atenção às proporções e às sombras. Teriam de construir o desenho através do erro, reforçando os traços que lhes pareciam mais correctos e dando intensidade ao movimento do modelo.



Figura XXVIII (Exercício desenvolvido)

De uma forma geral o resultado foi razoável, no entanto, notou-se grande dificuldade no desprendimento do uso da borracha, nas proporções, e gestualidade em certos alunos. Alguns dos melhores alunos não se saíram muito bem, pois estavam demasiado concentrados nos pormenores. Surpreendentemente o aluno X, com alguns problemas de comportamento, concretizou de forma muito positiva o exercício. Tal foi importante para o próprio, pois sentiu-se motivado e capaz de também conseguir bons resultados.

2.2.11. Reflexão Crítica das aulas

Como foi referido anteriormente, grande parte do estágio foi dedicado ao apoio à direcção. Se por um lado senti que poderia ficar prejudicada dado ao facto de leccionar menos aulas, por outro lado, foi bastante enriquecedor ter acesso a outra forma de colaborar com a escola. Na minha opinião, foi uma mais-valia pois deu-me uma maior amplitude sobre o funcionamento da escola no que concerne à sua dinâmica interna, oferta formativa, actividades, projectos desenvolvidos, trabalhos de alunos e maior envolvimento com a comunidade escolar, desde a direcção, professores de várias disciplinas e funcionários. Senti-me parte de uma equipa com o mesmo objectivo: divulgar a escola nas

suas potências máximas. Apesar do professor cooperante não estar muito presente nesta etapa do estágio, senti-me sempre bem recebida pela direcção que comunicou a nossa prestação ao Professor Domingos Isabelinho.

Relativamente à minha prestação na leccionação das aulas de desenho, senti-me com mais confiança, talvez devido ao facto de ter um contacto muito próximo com o meio artístico e às temáticas desenvolvidas, tanto a nível prático, como teórico na disciplina de desenho.

Relativamente à relação com os alunos, esforcei-me para criar uma boa relação de sinceridade e respeito perante as suas questões e opiniões. Infelizmente não houve tempo suficiente para conhecer melhor os alunos e para criar uma relação de proximidade e personalizada. Quanto à minha postura dentro da sala de aula, tentei ter uma linguagem objectiva e responder a todas as questões solicitadas. As dificuldades sentidas relacionaram-se, mais uma vez, com a minha posição enquanto estagiária. Na primeira aula, dois alunos chegaram atrasados e não tive nenhuma atitude, o que levou o professor cooperante chamar-me a atenção no fim da aula. Outra situação, bastante ingrata, deve-se ao facto de uma aluna comentar, com a professora titular dentro da sala, “Porque é que não vieram três anos antes? Assim tinham sido nossos professores!”. Perante esta observação, um tanto descabida por parte da aluna, fiquei sem reacção e com um sentimento de constrangimento.

Apesar de ser uma turma desmotivada, e muitos dos alunos não saberem que área seguir, faltarem constantemente e ter havido muitas desistências, a nível de comportamento era razoável. Senti em alguns momentos que a turma estava motivada e fui constatando, através do blogue de cada um, que estava dinâmico, todas as semanas os alunos foram publicando imagens do seu diário gráfico. De alguma forma, os objectivos estavam a funcionar. Em relação ao tempo, houve melhorias na gestão deste.

As aulas leccionadas e o redigir da experiência do presente Relatório forneceu-me uma importante reflexão sobre a prática pedagógica, proporcionando um grande contributo para o desenvolvimento profissional e pessoal.

2.2.12. Avaliação em Desenho

A avaliação em Desenho é contínua integrando a modalidade formativa, sumativa e diagnóstica. Quanto à avaliação formativa perspectiva a interacção entre o professor e aluno e deve potenciar novas aquisições de conceitos, conhecimentos e práticas. Relativamente à avaliação sumativa, esta traduz a evolução e desenvolvimento do aluno na disciplina, devendo para isso, ser localizada no tempo conforme as planificações elaboradas para a disciplina. A avaliação diagnóstica abrange os vários domínios.

São objecto de avaliação:

ATTITUDES E VALORES 10%	Domínios (competências pessoais e sociais)	Indicadores	Pesos
	Respeito	<ul style="list-style-type: none">Cumprir as regras estabelecidas;Relacionar-se com os outros de forma educada;	2
	Empenho	<ul style="list-style-type: none">Cumprir as directrizes dadas e Concretizar de forma adequada as actividades propostas;Propor situações novas e mostrar interesse na realização das actividades.	2
	Participação	<ul style="list-style-type: none">Responder às questões colocadas nas aulas;Apresentar questões ou dúvidas.	2
	Responsabilidade	<ul style="list-style-type: none">Assumir as consequências pelos seus actos;Cumprir de forma adequada as decisões tomadas;	1
	Autonomia	<ul style="list-style-type: none">Tomar decisões adequadas; gerir de forma correcta a sua aprendizagem;<input type="checkbox"/> Manifestar gosto por saber mais, conhecer e aprender.	2
	Cooperação	<ul style="list-style-type: none">Coopera em tarefas e projectos comuns.Presta ajuda aos colegas.	1

Quadro 2 – Atitudes e Valores

COMPETÊNCIAS E SABERES 90%	Modalidades 1	Domínios 2		Instrumentos	Pesos
		(Competências Transversais)	(Competências Específicas)		
	Sumativa	Expressão escrita e oral . Utilização das TIC	Cognitivo · Conceitos 1 Psico-motor · Práticas 2	Provas escritas e/ou práticas; trabalhos de projecto;	20
Formativa	Cognitivo · Conceitos 1 Psico-motor · Práticas 2		Trabalhos realizados durante as actividades em aula ou delas decorrentes (investigação; trabalhos individuais/grupo) Diário gráfico	60 5	
Diagnostica	Abrangente dos vários domínios		Observação directa das operações realizadas durante a execução dos trabalhos; Intervenções orais, atitudes reveladas durante as actividades.	5	

1 **Conceitos:** No âmbito da linguagem plástica e visual, indicados no programa, com relevância para os de aprofundamento em cada ano.

2 **Práticas:** Análise e representação de formas e estratégias de composição e transformação formal, utilização expressiva de materiais e meios de registo, criatividade na resolução de problemas.

Quadro 3 – Competências e Saberes

Instrumentos de Avaliação	Classificações
<p>São objectos de avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) Os desenhos, concretizações gráficas ou objectos produzidos no âmbito da disciplina; b) Os textos eventualmente produzidos (relatórios, comentários, trabalhos, textos de reflexão, entrevistas) c) A concretização da disseminação junto da própria turma, escola ou meio; d) Provas com carácter prático; e) Os desenhos, concretizações gráficas ou objectos realizados como tarefas individuais de reforço e sedimentação de conceitos e/ou práticas fora do âmbito da aula (diário gráfico, trabalhos de casa e portfólio) 	0 a 20 Valores

Quadro 4 – Instrumentos de Avaliação

A avaliação da unidade foi elaborada através dos critérios de avaliação da professora Ana. Toda a avaliação era da sua responsabilidade. A conclusão a que chegamos é que os resultados das Unidades foram bastante razoáveis em todos os objectos de avaliação em que constavam os critérios dos módulos.

2.3. Considerações Finais

O processo de educação é um complemento desta sociedade em permanente mutação, na qual a pedagogia procura desenvolver respostas para fazer face às inquietações produzidas pelo paradigma da transformação, característico da era da comunicação, onde o saber não é estático, onde nada é definitivo, onde só ensina quem aprende.

Este novo paradigma pede o uso de ambientes adequados às novas aprendizagens, fortes em recursos, experiências diferenciadas e com a utilização das novas tecnologias de comunicação, que proporcionem a capacidade de reflectir e de se expressar com clareza, de encontrar soluções e tomar decisões.

Neste sentido, a utilização das TIC no processo de ensino e aprendizagem tende a modificar os papéis dos intervenientes. A perspectiva de uma aprendizagem acelerada tem vindo a ser substituída por acções colaborativas geradoras de uma memória colectiva partilhada, que diz respeito a um saber gerado em grupo e acessível num espaço sem fronteiras, assíncrono e atemporal.

O conceito de aprendizagem colaborativa assistida por computador deverá estar inserida num ambiente comunicativo, cooperativo, interactivo, vivencial e no qual as Tecnologias de Educação proporcionem interacções mais amplas. Este conceito abriu-me perspectivas para o desenvolvimento de práticas inovadoras ao nível da Artes Visuais. Assim, ao longo do estágio, foram desenvolvidas várias propostas e actividades que constituíram um contributo no sentido de proporcionar um ambiente interactivo de suporte à aprendizagem colaborativa distribuída no domínio das Artes Visuais.

No decorrer do estágio, os alunos demonstraram empenho e atitudes muito positivas. Foi notável a dedicação na realização das propostas ao longo das aulas. A constatação da motivação foi o resultado de estratégias, como a adaptação de temas e conteúdos das disciplinas em função das necessidades e interesses dos alunos. Sempre que possível, proporcionei autonomia no aluno para tomar decisões quanto aos temas de pesquisa, as técnicas e suportes. Tal, contribuiu para que desenvolvessem a capacidade de escolha e de tomada de decisões reforçando, assim, uma maior confiança nas suas capacidades e sentido crítico. Ao longo das aulas, foi sempre dedicado um tempo para debates, reflexões, para comentários individuais sendo o diálogo permanente com o intuito de esclarecer, estimular a estrutura e organização do pensamento potenciando o espírito crítico e a capacidade de criar juízos.

Outras estratégias utilizadas, para contribuírem para o desenvolvimento da criatividade dos alunos, basearam-se no encorajamento da experimentação de novos materiais; a estimulação da imaginação através de técnicas de análise e invenção; novas ferramentas digitais e interactivas; imagens relacionadas com os módulos, permitindo a obtenção de uma cultura visual mais alargada.

Considero que os alunos sentiram liberdade para exprimir as suas ideias, manipularam os materiais de forma flexível, utilizaram abordagens invulgares e propuseram soluções criativas para os problemas apresentados.

Penso que as estratégias utilizadas contribuíram para alcançar os objectivos estipulados inicialmente. Posso concluir que a educação não directiva, mais especificamente focada no aluno como agente activo no processo de ensino-aprendizagem, em detrimento de um ensino voltado para a simples transmissão de conteúdos, revelou-se uma medida crucial para estimular o desenvolvimento do espírito crítico e reflexivo dos alunos, as suas capacidades criativas e contribuindo para o desenvolvimento da sua personalidade.

Considero que a minha experiência enquanto artista plástica foi essencial nas concepções dos projectos, no decorrer das aulas e nos resultados atingidos. Por habitualmente estar envolvida no meio artístico, o conhecimento de várias

técnicas e materiais, deu-me a possibilidade de dar exemplos na vertente prática e ajudar os alunos a enriquecerem os seus conhecimentos teóricos e práticos. No decorrer do estágio, paralelamente, fui recebendo convites para passar o meu testemunho, enquanto artista plástica, no Colégio Luso Internacional no Porto, Escola Secundária Sebastião da Gama e fazer parte de um Júri na Escola Superior de Educação em Setúbal. Estas experiências, apesar de transversais, contribuíram para a minha percepção e enriquecimento enquanto docente e artista plástica.

Com o balanço final do trabalho realizado, parece-me plausível concluir que a prestação global foi satisfatória a todos os aspectos considerados, alcançando de forma equilibrada os três vectores principais do trabalho nesta dissertação: arte, educação e tecnologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Akers, R. (1997). *Web discussion forums in teaching and learning*. em: http://sunsite.unc.edu/horizon/mono/CD/Technological_Tools/Akers.html (Consultado em Dezembro de 2011).
- Balestro, E. e Mantovani, A. M. (2004). *Hiperhistórias – ambiente multimédia estimulador das inteligências múltiplas*. (S/L): Centro Universitário La Salle.
- Barabé, A. (2002). *Ver un Apprentissage à Vie*. Département des Sciences du Loisir et de la Communication Sociale. Trois Rivères: Université du Québec à Trois- Rivières.
- Baudrillard, J. (1991) *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Benjamin, W. (1928) *O Brinquedo e o jogo*. em: *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Borderie, R. (1972). *Les Images dans la Société et l'Éducation*. Paris: Casterman.
- Bottentuit, et al. (2004). *Empresa, Governo e Sociedade: a tríplice aliança no contexto da inclusão digital*. Revista Educação & Tecnologia, 9, (2).
- Brent, R. (1996). Navigating the Bumpy Road to Student-Centered Instruction.
- Campos, M., & Martins, L. (2002). *Sala de aula virtual: um novo espaço incorporados à escola para se fazer educação*. em: <http://www.c5.cl/ntic/docs/hiper/rvirtual/sala.pdf> (Consultado em Dezembro 2011).
- Castells, M. (2001). *A Galaxia Internet. Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, F.A. e Peralta, H. (2007). *As Tic Na Educação em Portugal. Concepções e Práticas*. Porto: Porto Editora,
- DEB. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais*. DEB. Lisboa: Ministério da Educação.

- Ellsworth, J. B. (1997). *Technology and change for the information age. Technology for Today Campuses.* em: http://sunsite.unc.edu/horizon/mono/CD/Change_Inovation/Ellsworth.html (Consultado em Dezembro de 2011)
- Ferreiro, J.M. (2005), *La Integración de Internet en el aula.* Alicante: Editorial Club Universitario, San Vicente.
- Flores, P. e Flores, A. (2007). *Inovar na Educação: O moodle no processo de ensino/aprendizagem.* em: Actas da V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação. Challenges'07, pp. 492-502. Braga: Universidade do Minho.
- Fosnot C. T. (1999). *Construtivismo e Educação: Teoria Perspectivas e Prática; Coleções Horizontes Pedagógicos.* Lisboa Instituto: Piaget.
- Gillani, B. G. (2003). *Learning Theories and the Design of E-Learning Environments.* Maryland: University Press of America.
- Grégoire, R. (1995). *Principes centrés sur l'apprenant ou l'apprenante. Des orientations pour redéfinition et une réforme de l'école.* em: http://www.lides.unige.ch/nosSucces/apprendre/05_ressources.pdf (Consultado em Dezembro de 2011).
- Gokhale, N. A. (1995). *Collaborative learning enhances critical thinking.* Journal of Technology Education, 7, (1).
- Jacquinet, G. (1985). *L'école Devant les écrans.* Paris: Les Ed. ESF.
- Landau, V. (2001). *Developing an Effective Class.* <http://www.roundworldmedia.com/CVC/module3/notes3b.htm> (Consultado em Dezembro de 2011)
- Legros, D., e Crinon J. (2002). *Psychologie des apprentissages et multimédia.* Paris: Armand Collin/VUEF.
- Legros, D., Pembroke, E., e Talbi, A. (2002). *Les Théories de l'apprentissage et les systèmes multimédias.* Paris: Armand Collin/VUEF.

- Levy, P. (1997). *Cibercultura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Levy, P. (2001). *A conexão planetária: o Mercado, o ciberespaço, a consciência..* São Paulo: Iluminuras.
- Martins, M. (1997). *Folha de Papel Branco e écran de computador onde se pintam fantasias*. Lisboa: Instituto de Inovação e Educação.
- Moles, A. (1972). *Em Busca de Uma Teoria Ecológica da Imagem*. São Paulo: Ed. Melhoramentos.
- Moles, A. (1990). *Arte e Computador*. Porto Edições: Afrontamento.
- Morín, E. (1990). *Ciência e consciência*. Rio de Janeiro: Ed. Europa-América.
- Netto, O. (2005). *Novas Tecnologias & Universidade: da dialéctica tradicionalista à inteligência artificial: desafios e armadilhas*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Piaget, J. (1992). *Jean Piaget e a escola de Genebra*. São Paulo: Cortez.
- Ponte, J. (1997). *As Novas Tecnologias e a Educação*. Lisboa: Texto Editora.
- Pretto, N. D. L. (2005). *Educações e culturas: em busca de aproximações*. em: Garcia, R. L., Zaccur, E. e Giambiagi, I. (Eds.) *Cotidiano: diálogos sobre diálogos*. pp. 133-148 DP&A. Rio de Janeiro: DP&A.
- Rao, S. (1997). *The www: a tool to enhance the communicative process*. em: http://sunsite.unc.edu/horizon/mono/CD/Technological_Tools/Rao.html (Consultado em Dezembro de 2011).
- Rodrigues, J. A. (2005). *Brinquedos ópticos e animatropes em contexto EVT*. Dissertação de Mestrado policopiada. Aveiro: Universidade de Aveiro
- Rosa, L. (2000). *A integração das TIC na escola: desafios, condições e outras reflexões*. em: http://www.prof2000.pt/prof2000/agora3/agora3_4.html (Consultado em Dezembro de 2011).
- Silva, A. A.T. (2004). *Ensinar e Aprender com as Tecnologias: Um estudo sobre as atitudes, formação, condições de equipamento e utilização nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico do Concelho de Cabeceiras de Basto*.

Dissertação de mestrado policopiada. Braga: Universidade do Minho.

Silva, A. J. (1997). *A Internet no Ensino das Ciências Físico-Químicas*.
Dissertação de Mestrado policopiada. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Silva, B., e Duarte, I. (2002). *Da formação contínua às práticas. Um estudo sobre a formação nas Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas à educação*. Braga: Universidade do Minho.

Silva, M. (2002). *Sala de aula interactiva*. Rio de Janeiro: Quartet,.

Tardy, M. (1973). *Le Professeur et les Images*. Paris : Presses Universitaires de France.

Kovel-Jarboe, P. (1996). *The changing contexts of higher education and four futures for distance education*. em: <http://sunsite.unc.edu/horizon>
(Consultado em Dezembro de 2011).

ANEXOS

Anexo 1; 5; 7; 9; 10; 14; 16 E 18 ver CD-ROM)

Anexo 2

Anexo 3

Anexo 4
Anexo 5 (Ver CD-ROM)

Anexo 6
Anexo 7 (Ver CD-ROM)

Anexo 8

Anexo 9 (Ver CD-ROM)

Anexo 10 (Ver CD-ROM)

Anexo 11

Anexo 12

Anexo 13
Anexo 14 (Ver CD-ROM)
2

Anexo 15
Anexo 16 (Ver CD-ROM)

Anexo 17

Anexo 19

APÊNDICES

Apêndice VI; VII e VIII ver em CD-ROM

Apendice I

Apendice II

Apendice III

Apendice IV

Apendice V

Apendice IX

Apendice X